The pigeon



PATRICK SÜSKIND

'A haunting modern-day fable' *Observer*

BY THE BESTSELLING AUTHOR OF *PERFUME*

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

É a narrativa do caos microscópico que convulsiona durante vinte e quatro horas a vida de Jonathan Noel. Uma parábola do medo, da insegurança e do vazio.

O medo irracional ao olho redondo e desnudo, aterradoramente fixo e imóvel de uma pomba.

O medo angustiante de Jonathan do imprevisto, capaz de converter em escombro a base vital sobre a qual cada um constrói sua dignidade, auto-estima, estabilidade, enfim, a existência.

Patrick Süskind nasceu em Ambach, na Baviera, em 1949, filho do também escritor W. E.

Süskind. Estudou História medieval e moderna na Universidade de Munique (onde mora) e em Aix-em-Provence, na França. Antes de “O Perfume”, havia publicado apenas um conto, “Uma Batalha”, incluído em uma antologia, adquirindo depois algum renome como autor do monólogo dramático “O Contrabaixo”, encenado em vários países, inclusive no Brasil. Durante algum tempo, viveu de seu trabalho como autor de roteiros de programas para a televisão alemã.

Ilustração de capa:

“LHomme au Chapeau Melon” de René Magritte

A POMBA

Patrick Süskind

Direitos de publicação exclusiva em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela

DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.

Rua Argentina 171-20921 Rio de Janeiro, RJ-Tel 580-3668

A POMBA

Patrick Süskind

Quando lhe sucedeu o incidente com a pomba, que lhe desconjuntou a existência da noite para o dia, Jonathan Noel já tinha mais de cinquenta anos; lançou um olhar retrospectivo para um período de tempo de vinte anos completos da mais pura falta de acontecimentos e jamais teria contado com que um dia ainda lhe pudesse ocorrer alguma coisa de essencial que não a morte. E ele bem o merecia. Pois Jonathan não gostava de acontecimentos e odiava francamente aqueles que abalavam o equilíbrio interno e confundiam a ordem externa da vida.

A maioria de tais acontecimentos situava-se, graças a Deus, bem para trás no passado cinzento de seus anos de infância e juventude, e Jonathan preferia não se lembrar mais deles; quando se lembrava, era com o maior mal-estar: em uma

tarde de verão em Charenton, em julho de 1942, quando voltava de uma pescaria para casa-houve uma trovoada nesse dia e depois choveu após um longo calor, no caminho de casa ele tirara os sapatos, andara de pés descalços no asfalto quente e molhado e patinhara pelas poças, um prazer indescritível...-portanto, voltou da pescaria para casa e entrou correndo na cozinha, com a esperança de ali encontrar a mãe cozinhando, e sua mãe já não existia mais, havia apenas seu avental pendurado no espaldar da cadeira.

A mãe foi embora, disse o pai, ela precisou partir por um tempo mais longo. Ela havia sido levada embora, disseram os vizinhos, fora levada primeiro para o Vélodrome d'Hiver, e depois saíra para o campo de Drancy, dali se vai para o Leste, de lá ninguém volta. E Jonathan nada compreendeu desse acontecimento, o acontecimento desconcertara-o por completo, e, alguns dias mais tarde, o pai também desapareceu, e de repente Jonathan e sua irmã menor encontraram-se em um trem que partiu para o sul e, pouco tempo depois, foram levados por homens totalmente estranhos através de um prado, arrastados por um trecho de floresta e outra vez colocados em um trem que partiu para o sul, bem longe, de uma distância incompreensível, e um tio, que até então nunca haviam visto, foi buscá-los em Cavaillon e levou-os para sua propriedade próxima ao lugarejo de Puget, no vale de Durance, mantendo-os escondidos ali até o final da guerra. Em seguida, mandou-os trabalhar nos campos de hortaliças.

No início dos anos 50-Jonathan começava a gostar da vida de camponês -, o tio exigiu que ele se apresentasse ao serviço militar, e Jonathan, obediente, comprometeu-se por três anos. No primeiro ano, sua única ocupação foi acostumar-se com as adversidades da vida da tropa e da caserna. No segundo ano, foi embarcado para a Indochina. A maior parte do terceiro ano ele passou no hospital militar com um tiro no pé e um na perna e com disenteria. Quando retornou a Puget na primavera de 1954, sua irmã havia desaparecido, emigrara para o Canadá, disseram. O tio exigiu então que Jonathan casasse de imediato e, na verdade, com uma moça de nome Marie Baccouche, do lugarejo vizinho de Lauris; e Jonathan, que antes nunca vira a moça, cumpriu com bravura o que lhe ordenaram, aliás chegou a cumprir com gosto, pois embora possuísse apenas uma idéia inexata do casamento, teve esperanças de nele encontrar aquele estado de tranqüilidade monótona e falta de ocorrências que era o único por que ansiava. Mas, já quatro meses mais tarde, Marie deu à luz um menino e ainda no mesmo outono fugiu com um vendedor de frutas tunesino de Marselha.

Jonathan Noel tirou de todos esses acontecimentos a conclusão de que não podia

confiar no ser humano e de que só poderia viver em paz mantendo-se afastado dele. E posto que agora ainda por cima tornara-se também motivo de escárnio da aldeia, o que o incomodava não pelo escárnio em si, mas pela notoriedade pública que trouxe consigo, Jonathan tomou uma decisão sozinho pela primeira vez na vida: foi ao Crédit Agricole, sacou o dinheiro da poupança, fez as malas e partiu para Paris.

Então teve uma grande sorte duas vezes. Encontrou trabalho como guarda em um banco da Rue de Sèvres e conseguiu alojamento, uma chamada chambre de bonne no sexto andar de uma casa, na Rue de Ia Planche. Chegava-se ao quarto através do pátio interno, da estreita escada da entrada de serviço e de um apertado corredor mal iluminado por uma janela.

Neste corredor situavam-se duas dúzias de quartinhos com portas numeradas, pintadas de cinza, e bem no final ficava o número 24, o quarto de Jonathan.

Media três metros e quarenta de comprimento, dois metros e vinte de largura e dois metros e cinquenta de altura e, como único conforto, possuía uma cama, uma mesa, uma cadeira, uma lâmpada elétrica e um cabide de roupa, mais nada. Somente nos anos sessenta é que as instalações elétricas foram reforçadas de tal modo a se poder ligar um fogareiro e um aparelho de calefação, foram instalados os encanamentos de água e os quartos equipados com lavatórios e aquecedores próprios. Até então, todos os moradores do andar do telhado comiam comida fria, desde que não utilizassem os proibidos fogareiros a álcool, dormiam em quartos frios e lavavam as meias, suas poucas louças e a si próprios em uma única pia do corredor, bem ao lado da porta do banheiro coletivo. Tudo isso não incomodava Jonathan. Ele não estava à procura de comodidades, mas sim de um alojamento seguro, que lhe pertencesse, e apenas a ele, que o protegesse das desagradáveis surpresas da vida e de onde ninguém mais pudesse expulsá-lo. E quando entrou pela primeira vez no quarto número 24, Jonathan soube de imediato: Aí está, no fundo foi isso que você sempre desejou, você ficará aqui. (De maneira bem semelhante supostamente ocorre a muitos homens no chamado amor à primeira vista, quando compreendem com a rapidez de um raio que uma mulher até então nunca vista é a mulher de sua vida, a qual possuirão e com a qual ficarão até o fim de seus dias.).

Jonathan Noel alugou o quarto por cinco mil francos antigos mensais; dali ia todas as manhãs trabalhar na vizinha Rue de Sèvres, retornando à noite com pão, lingüiça, maçãs e queijo; comia, dormia e era feliz. Aos domingos não saía do

quarto de maneira nenhuma, a não ser para fazer a limpeza e cobrir a cama com roupa limpa. Viveu assim tranqüilo e satisfeito, entrava ano, saía ano, década após década.

Certas coisas externas mudaram nesse tempo, o valor do aluguel, o tipo dos inquilinos. Nos anos cinqüenta, ainda viviam muitas empregadas nos outros quartos, assim como jovens casais e alguns aposentados. Mais tarde viam-se espanhóis, portugueses e norte-africanos entrarem e saírem com freqüência. A partir do final dos anos sessenta, preponderaram os estudantes.

Finalmente, nem todos os vinte e quatro quartos eram alugados. Muitos ficaram vazios ou passaram a servir a seus proprietários, que viviam nas residências do senhorio dos andares inferiores, de depósitos para guardados ou quartos de hóspedes utilizados apenas em certas ocasiões. O quarto de Jonathan tornou-se no decorrer dos anos uma moradia com relativo conforto. Ele comprara uma cama nova, instalou um armário, guarneceu os sete metros e meio quadrados de chão com um tapete cinzento, cobriu o canto de cozinhar e lavar com um belo papel de parede envernizado vermelho. Possuía um rádio, um aparelho de televisão e um ferro de passar. Seus mantimentos ele já não pendurava, como antes, em um saquinho do lado de fora da janela, mas guardava-os em uma minúscula geladeira debaixo da pia, de modo que agora, nos dias mais quentes do verão, a manteiga já não derretia mais, nem o presunto secava. Construíra uma prateleira na cabeceira da cama, na qual estavam nada menos do que dezessete livros, a saber, um dicionário de bolso de medicina em três tomos, alguns belos volumes ilustrados sobre o homem de Cro-Magnon, técnicas de fundição da Idade do Bronze, o antigo Egito, os etruscos e a Revolução Francesa, um livro sobre veleiros, um sobre bandeiras, um sobre o mundo animal dos trópicos, dois romances de Alexandre Dumas, pai, as memórias de Saint-Simon, um livro de receitas culinárias para pratos simples, o Pequeno Larousse e o Breviário para o pessoal de defesa e vigilância com consideração especial sobre as prescrições para o uso da pistola de serviço. Debaixo da cama estava armazenada uma dúzia de garrafas de vinho tinto, dentre as quais uma garrafa de Château Cheval Blanc grand cru classé, que ele reservava para o dia de sua aposentadoria, no ano de 1998.

Um sistema racionalizado de lâmpadas elétricas cuidava para que, em três lugares diferentes do quarto - ou seja, na cabeceira e aos pés da cama, assim como também em sua mesinha -, Jonathan pudesse sentar-se e ler o jornal sem ficar com a visão ofuscada e sem que nenhuma sombra incidisse sobre a folha.

Com as muitas aquisições, sem dúvida o quarto ficou ainda menor, como se tivesse inchado para dentro qual uma concha que houvesse produzido nácar demais, assemelhando-se, com suas diversas instalações refinadas, mais a uma cabine de navio ou a um luxuoso compartimento de um vagão-leito do que a uma simples chambre de bonne. Contudo, o quarto manteve sua qualidade essencial através dos trinta anos: foi e continuou sendo a ilha tranqüila de Jonathan no mundo intranqüilo, permaneceu como sua parada fixa, seu refúgio, sua amada, sim, pois o abraçava com afeto, sua pequena câmara, quando ele retornava a casa pelas noites, ela o aquecia e protegia, alimentava-lhe o corpo e o espírito, estava sempre presente quando ele dela necessitava, e não o abandonava. Na verdade, o quarto era a única coisa de sua vida que se mostrara fiel. E por esta razão, nunca, em momento algum, ele pensou em separar-se dela, nem mesmo agora que já tinha mais de cinqüenta anos e, em certas ocasiões, lhe custava um pouco de esforço galgar as muitas escadas e, posto que seu salário lhe permitisse alugar um apartamento de verdade, com cozinha própria, privada e banheiro próprios, permaneceu fiel à sua amada, chegando ao ponto de ter a idéia de ligá-la ainda mais a si próprio.

Queria tornar seu relacionamento inviolável para todos os tempos, ou seja, comprando-a. Já fechara o contrato com madame Lassalle, a proprietária. O

quarto custaria cinqüenta e cinco mil francos novos. Ele já pagara quarenta e sete mil. O saldo de oito mil francos venceria no final do ano. E então o quartinho seria definitivamente seu, e nada mais no mundo seria capaz de tirar um do outro, a ele, Jonathan, de seu amado quarto, até que a morte os separasse.

Esse era o estado das coisas quando, em agosto de 1984, em uma manhã de sexta-feira, aconteceu a história com a pomba.

Jonathan acabara de acordar. Havia calçado os chinelos e vestido o roupão de banho para, como em todas as manhãs, ir ao banheiro do andar antes de fazer a barba. Encostava primeiro o ouvido no painel das portas para escutar se havia alguém no corredor. Jonathan não gostava de encontrar-se com os vizinhos, muito menos pelas manhãs, de pijama e roupão de banho, e menos ainda a caminho da privada. Já lhe seria bastante desagradável encontrar o toalete ocupado; contudo, era-lhe franca e torturantemente horrível pensar na possibilidade de deparar-se com um outro inquilino antes do banheiro. Tal coisa

lhe aconteceu uma única vez, no verão de 1959, havia vinte e cinco anos, Jonathan tinha calafrios quando lembrava: aquele espanto mútuo diante da visão do outro, a simultânea perda de anonimato em um intento que requer o anonimato completo, o recuo simultâneo e depois o avançar, as simultâneas amabilidades de guinadas para os lados, por favor, depois do senhor, oh não, depois do senhor, monsieur, não estou nem um pouco apressado, não, o senhor primeiro, faço questão... e tudo isso de pijama! Não, ele não queria passar por essa experiência nunca mais, e nunca mais passou graças ao seu espreitar preventivo. Ouvido atento, via o corredor através da porta. Conhecia cada ruído do andar. Sabia interpretar cada estalo, cada clique, cada murmúrio baixo ou cicio, sim, até mesmo o silêncio. E soube -

agora que fazia alguns segundos que colara o ouvido na porta - com plena certeza que não havia ninguém no corredor, que o toalete estava livre, que todos ainda dormiam. Com a mão esquerda, girou o trinco da trava de segurança, com a direita, a maçaneta da fechadura de mola, o ferrolho cedeu, deu um leve empurrão e a porta se abriu.

Já havia quase colocado o pé na soleira, levantara o pé, o esquerdo, a perna já estava para dar o passo... quando viu. Ela estava diante de sua porta, a uma distância de menos de vinte centímetros da soleira, no pálido reflexo da luz matinal que entrava pela janela. Estava agachada com pés vermelhos e ungulados nos ladrilhos vermelhos cor de sangue de boi do corredor, com a lisa plumagem cinza-chumbo: a pomba.

Ela jogara a cabeça para o lado e, espantada, fitava Jonathan com o olho esquerdo. Aquele olho, um pequeno disco circular, castanho com o centro preto, era terrível de se olhar. Estava assentado qual um botão costurado na plumagem da cabeça, sem pestanas, sem sobrancelhas, completamente desnudo, virado para fora sem a menor vergonha e aberto de maneira monstruosa; ao mesmo tempo, contudo, havia um quê de fechada discrição no olho; e ao mesmo tempo também ele não parecia estar nem aberto nem fechado, senão que apenas inerte como a lente de uma câmera que devora toda a luz exterior e não deixa refletir nada de seu interior. Naquele olho não havia nenhum brilho, nenhum lustre, nenhuma centelha de ser vivo. Era um olho sem olhar. E estava arregalado para Jonathan.

Ele quase morreu de susto - pelo menos seria assim que, mais tarde, recordaria o momento, mas isso não seria correto, posto que o susto só veio depois. O que ele teve foi mais um espanto mortal.

Jonathan ficou parado durante talvez cinco, talvez dez segundos - ele mesmo sentiu como se tivesse ficado parado para sempre -, a mão na maçaneta, o pé erguido pata o passo, parado como que congelado sobre a soleira de sua porta, sem poder ir para a frente nem para trás. Então ocorreu um pequeno movimento. Seja porque a pomba passou de um pé para o outro, seja porque ela inchou um pouco - de qualquer modo, um leve solavanco percorreu seu corpo e, ao mesmo tempo, duas pálpebras bateram sobre seu olho, uma de cima, outra de baixo, na verdade não eram pálpebras propriamente, mas um tipo de aba de borracha, que engoliram o olho como dois lábios surgidos do nada. Por um momento o olho desapareceu. E foi só então que o medo fez Jonathan estremecer, agora seus cabelos ficaram arrepiados de puro horror. Deu um salto de volta ao quarto e bateu a porta, antes mesmo que o olho da pomba se abrisse de novo. Jonathan girou o trinco de segurança, andou claudicante os três passos até a cama, sentou-se tremulo, com o coração batendo selvagemente. Sua testa estava gelada, e ele sentiu o suor inundar-lhe a nuca e correr-lhe a espinha.

Seu primeiro pensamento foi que, nesse momento, iria sofrer um ataque cardíaco, ou teria um acesso de apoplexia, ou pelo menos um colapso circulatório, você está na idade certa para tudo isso, pensou Jonathan, a partir dos cinqüenta basta o menor dos motivos para um desses infortúnios. E

deixou-se cair de lado na cama, puxou a coberta para cima dos ombros friorentos e esperou pela dor espasmódica, pela ferroada no peito e no ombro (Jonathan lera certa vez em seu léxico de bolso sobre medicina que esses eram os infalíveis sintomas de infarto) ou pela lenta obnubilação da consciência. Mas não ocorreu nada do gênero. O batimento cardíaco serenou, o sangue voltou a correr de modo regular pela cabeça e membros, e não apareceram as manifestações de paralisia, típicas do ataque cardíaco.

Jonathan pôde mexer dos dedos dos pés e das mãos e fazer caretas com o rosto, um sinal de que de certa maneira tudo estava em ordem dos pontos de vista orgânico e neurológico.

Em vez disso, nesse momento girou em seu cérebro uma grande quantidade de pensamentos de horror, desordenados e totalmente desconexos, qual bando de corvos negros, gritando, batendo asas dentro de sua cabeça e grasnando "você chegou ao fim!" e "você está velho e no fim, você deixa que uma pomba quase o mate de susto, uma pomba o afugenta para dentro de seu quarto, o deixa prostrado, o mantém preso. Você vai morrer, Jonathan, você vai morrer, se não

for agora mesmo, então dentro em breve, e sua vida foi errada, você a estragou, pois ela é abalada por uma pomba, você deve matá-la, mas não pode, você não consegue matar nem uma mosca, ou por outra, uma mosca você consegue, mas apenas uma mosca, ou um mosquito, ou um pequeno escaravelho, mas jamais uma coisa de sangue quente, um ser de sangue quente e que pese meio quilo como uma pomba, você prefere atirar em um homem na multidão, bangue-bangue, dá para ser rápido, faz apenas um buraco pequeno do tamanho de oito milímetros, é uma coisa limpa e permitida, em legítima defesa é permitida, parágrafo um do regulamento de serviço para o pessoal armado da vigilância, é inclusive uma ordem, nenhuma pessoa o recriminará se você atirar em um homem, pelo contrário, mas uma pomba?, como se atira em uma pomba?, uma pomba bate asas, é fácil de se errar o tiro, é uma brincadeira grosseira atirar numa pomba, é proibido, leva à retirada da arma de serviço, à perda do emprego, você vai para a cadeia se atirar em uma pomba, não, você não pode matá-la, mas viver, viver com ela você também não pode, jamais, um ser humano não pode mais viver em uma casa onde vive uma pomba, uma pomba é a essência do caos e da anarquia, uma pomba vive fazendo barulho em volta de maneira incalculável, empoleira-se e pica os olhos, uma pomba suja sem cessar e solta bactérias devastadoras e vírus da meningite, ela não fica sozinha, uma pomba atrai outras pombas, tem relações sexuais e procria a toda velocidade, um exército de pombas vai sitiá-lo, nunca mais você poderá sair de seu quarto, passará fome, se sufocará em seus excrementos, será obrigado a jogar-se pela janela e ficará caído na calçada esmagado, não, você será covarde demais, ficará trancado em seu quarto e gritará por socorro, gritará pelo corpo de bombeiros, para que venham com escadas e o salvem de uma pomba, de uma pomba!, você se tornará o escárnio da casa, a zombaria de todo o quarteirão, as pessoas gritarão 'vejam o monsieur Noel!' e o apontarão, 'vejam, monsieur Noel deixa-se salvar de uma pomba!', e você será internado em uma clínica psiquiátrica: oh, Jonathan, Jonathan, sua situação é desesperadora, você está perdido, Jonathan!".

Essas coisas eram gritadas e grasnadas dentro de sua cabeça, e Jonathan estava tão perturbado e desesperado que fez algo que nunca mais fizera desde os seus dias de criança, ou seja, em sua aflição, juntou as mãos para rezar e "meu Deus, meu Deus", rezou, "por que me abandonaste? Por que estou sendo punido dessa maneira tão dura por Ti? Pai nosso que estais no céu, salvai-me dessa pomba, amém!" Não foi, como vemos, nenhuma oração regular, foi mais um balbuciar remendado saído de fragmentos de memória de sua educação religiosa rudimentar que ele proferiu. Mas mesmo assim ajudou, pois exigiu dele uma certa dose de concentração espiritual, dissipando assim a confusão de

pensamentos. Uma outra coisa o ajudou muito. Ou seja, mal acabara de pronunciar sua oração quando sentiu uma vontade tão imperiosa de urinar que soube que molharia a cama onde estava deitado, o belo colchão com enchimento de penas ou mesmo o bonito tapete cinza, caso não conseguisse outra forma de alívio dentro dos próximos segundos. Isto o forçou ainda mais. Levantou-se gemendo, lançou um olhar desesperado para a porta...- não, não poderia passar por aquela porta; mesmo que agora o maldito pássaro já tivesse ido embora, Jonathan não chegaria mais até o toalete - aproximou-se da pia, desabotoou o roupão de banho, arriou a calça do pijama, abriu a torneira e urinou na pia.

Nunca antes fizera tal coisa. Um horror só o pensamento de simplesmente urinar dentro de uma linda pia branca, de limpeza reluzente, que servia à higiene do corpo e à lavagem da louça! Jamais acreditaria que pudesse descer a esse ponto tão baixo, jamais acreditaria que iria chegar a uma situação física capaz de cometer tal sacrilégio. E agora que viu seu mijo correr sem qualquer entrave nem retenção, misturando-se com a água e desaparecendo num gorgolejo pelo ralo da pia, e como sentiu o grandioso relaxamento da pressão em seu baixo-ventre, então, na mesma hora, as lágrimas brotaram em seus olhos, de tão envergonhado que estava. Quando terminou, deixou a água correr por mais um longo tempo e limpou a pia com detergente, para remover até mesmo os menores vestígios do crime cometido.

- Uma vez não faz mal-murmurou para si mesmo, como que para desculpar-se com a pia, com o quarto ou consigo próprio -, uma vez não faz mal, foi um caso de necessidade único, com certeza não acontecerá mais...

E então ficou mais tranqüilo. A atividade do esfregar, o levantar do vidro de detergente, o torcer do pano de limpeza - atos consoladores, exercidos com freqüência - restituíram-lhe o sentido do pragmático. Olhou para o relógio.

Já eram pouco mais de sete e quinze. Em geral, às sete e quinze ele já havia feito a barba e estava arrumando a cama. Mas o atraso mantinha-se dentro dos limites, Jonathan seria capaz de recuperá-lo, em caso de necessidade, abdicando do desjejum. Se abdicasse do café da manhã-assim calculou -, ficaria inclusive sete minutos adiantado em relação ao seu horário habitual. A única coisa decisiva era que saísse do quarto às oito e cinco no máximo, pois tinha de estar no banco às oito e quinze. Era bem verdade que ainda não sabia como realizaria isso, mas restava-lhe ainda um prazo fatal de um quarto de hora. Era muito. Um quarto de hora era muito tempo quando se acabou de olhar a morte nos olhos e se escapou

por um triz de um ataque cardíaco. Era o dobro do tempo quando já não se encontrava mais sob a pressão imperativa de uma bexiga cheia. Portanto, Jonathan tomou a decisão de, por enquanto, comportar-se como se nada tivesse ocorrido e dar seguimento aos seus afazeres matinais de hábito. Deixou correr água quente na pia e barbeou-se.

Enquanto fazia a barba, refletiu a fundo.

- Jonathan Noel-disse para si mesmo -, durante dois anos você esteve como soldado na Indochina e lá se saiu de muitas situações difíceis. Se juntar toda a sua coragem e todo o seu espírito, se se armar da maneira adequada e se tiver sorte, então será bem-sucedido em uma saída de seu quarto. Mas e se for mesmo bem-sucedido? E se de fato você passar por esse horrendo animal diante da porta, se alcançar incólume a escadaria e chegar a lugar seguro?

Você poderá ir para o trabalho, será capaz de atravessar o dia são e salvo...

mas o que fará depois? Para onde irá hoje à noite? Onde passará a madrugada?

Pois tinha o firme e irremovível propósito de não encontrar a pomba uma segunda vez, posto que já escapara dela em uma ocasião, de não viver com aquela pomba sob o mesmo teto em nenhuma circunstância, nenhum dia, nenhuma noite, nenhuma hora. Portanto, tinha de estar preparado para passar essa noite, e talvez as noites seguintes também, em uma pensão. Isso significava que devia levar consigo o aparelho de barba, a escova de dentes e roupas de baixo para trocar. Além disso, precisava de seu talão de cheques e, por segurança, de sua caderneta de poupança também. Jonathan possuía mil e duzentos francos em conta corrente. Bastariam para duas semanas, supondo-se que encontrasse um hotel barato. Então, se a pomba ainda continuasse bloqueando seu quarto, ele precisaria lançar mão da poupança.

Havia seis mil francos na conta da poupança, uma soma considerável. Com ela, poderia viver no hotel durante alguns meses. E de mais a mais, ainda recebia seu salário, três mil e setecentos francos líquidos por mês. Por outro lado, no final do ano, teria de pagar oito mil francos a madame Lassalle, correspondentes à última prestação do quarto. Seu quarto. Este quarto no qual não mais poderia morar. Como explicaria um pedido de prorrogação da última prestação a madame Lassalle? Claro que não podia dizer-lhe apenas:

"Madame, não posso pagar-lhe a última prestação de oito mil francos, já que há

meses venho vivendo em um hotel, pois o quarto que quero comprar da senhora está bloqueado por uma pomba!” Claro que não podia dizer isso...

Então ocorreu-lhe que ainda possuía cinco moedas de ouro, cinco napoleóns; cada um valia uns bons seiscentos francos, e os comprara em 1958, durante a guerra da Argélia, com medo da inflação. De maneira alguma podia esquecer-se de levar esses cinco napoleóns... E possuía também uma pulseira de ouro fina, que fora de sua mãe. E o rádio transistorizado. E uma elegante esferográfica folheada de prata, que todos os funcionários do banco ganharam no Natal. Se vendesse todos esses tesouros, poderia, com a maior das economias, viva em um hotel até o final do ano e, ainda por cima, pagar os oito mil francos a madame Lassalle. Depois então, a partir de 1º de janeiro, a situação ficaria melhor, já que nessa ocasião ele seria o proprietário do quarto e não precisaria mais pagar aluguel. E talvez a pomba não sobrevivesse ao inverno. Quanto tempo vivia uma pomba? Dois anos, três anos, dez anos? E se aquela fosse uma pomba velha? Talvez ela morresse em uma semana, não?

Talvez morresse hoje mesmo. Talvez tivesse vindo ali apenas para morrer...

Jonathan terminara de fazer a barba; deixou a água escoar pela pia, lavou-a, tornou a enchê-la, escovou os dentes, esvaziou a pia de novo e, com o pano, limpou-a esfregando. Em seguida, fez a cama.

Guardara debaixo do armário uma velha mala de papelão, na qual conservava as roupas sujas para levá-las uma vez por mês à lavanderia.

Retirou-a, esvaziou-a e colocou-a em cima da cama. Era a mesma mala com a qual viajara de Charenton a Cavaillon, em 1942, a mesma com a qual chegara em Paris, em 1954. E então, quando viu essa velha mala colocada em cima da cama e começou a enchê-la, não de roupas sujas, mas de roupas limpas, com um par de sapatos, artigos de toalete pessoal, ferro de passar, talão de cheques e preciosidades - como que para uma viagem -, as lágrimas voltaram a brotar em seus olhos, desta vez não de vergonha, mas de desespero silencioso. Sentia como se estivesse sendo jogado trinta anos para trás, como se tivesse perdido trinta anos de sua vida.

Quando terminou de fazer a mala, eram quinze para as oito. Vestiu-se, primeiro com o uniforme de hábito: calças cinzas, camisa cinza, jaqueta de couro,

cinturão de couro com o coldre da pistola, boina de serviço cinza. Então armou-se para o encontro com a pomba. A coisa que mais lhe causava nojo era pensar que ela pudesse entrar em contato físico com ele, que lhe picasse o tornozelo ou que, adejando, tocasse com as asas em suas mãos ou em seu pescoço, ou que até mesmo lhe pousasse em cima com seus pés espalhados e ungulados. Por causa disso, não calçou os sapatos leves, mas as resistentes botas de couro, de cano alto e sola de agnelina, que em geral só usava em janeiro ou fevereiro, meteu-se no casaco de inverno, abotoou-o de cima a baixo, enrolou-se em um cachecol de lã do pescoço até acima do queixo e protegeu as mãos com luvas de couro forradas Com a mão direita, pegou o guarda-chuva. Assim equipado, Jonathan ficou pronto quando faltavam sete minutos para as oito, para ousar a saída de seu quarto.

Tirou a boina de serviço e colou o ouvido à porta. Não se ouvia nada.

Tornou a pôr a boina pressionou-a com firmeza na testa, pegou a mala e colocou-a preparada ao lado da porta para ficar com a mão direita livre, pendurou o guarda-chuva no pulso, segurou a maçaneta com a direita, com a esquerda o trinco da fechadura de segurança, girou o ferrolho para trás e abriu ligeiramente a porta, apenas uma fenda. Espiou lá fora.

A pomba já não estava mais diante da porta Agora, no ladrilho onde estivera pousada, havia uma nódoa verde-esmeralda do tamanho de uma moeda de cinco francos e uma diminuta penugem branca, que tremia de leve com a lufada de vento que vinha da fenda da porta. Jonathan teve calafrios de nojo. Teria preferido bater a porta de novo na mesma hora. Sua natureza instintiva quis recuar, voltar para o quarto seguro, afastar-se do terrível lá de fora. Mas então viu que ali havia não apenas uma única nódoa, mas muitas nódoas. Todo o setor do corredor que ele podia abranger com a vista estava salpicado com aquelas manchas úmidas, cintilantes, verde esmeraldas. E

então aconteceu o fato singular - a grande quantidade de monstruosidades não fortaleceu a repugnância de Jonathan, mas, ao contrário, a sua disposição à resistência: ele bem que teria recuado e fechado a porta, para sempre, diante de cada nódoa única e diante de cada pena isolada. Mas o fato de a pomba ter cagado todo o corredor de modo evidente - essa publicidade do odiado fenômeno - mobilizou toda a sua coragem. Jonathan abriu a porta por completo.

Nesse momento viu a pomba. Ela estava à direita, a uma distância de metro e

meio, espremida contra um canto, bem no fim do corredor. Caía ali tão pouca luz, e Jonathan também lançou um olhar tão rápido em sua direção, que não pôde reconhecer se ela estava dormindo ou acordada, se seu olho estava aberto ou fechado. Tampouco queria saber disso. Preferia não a ter visto em absoluto. Lera um dia no livro sobre o mundo animal dos trópicos que certos bichos, sobretudo os orangotangos, investiam contra os seres humanos apenas quando estes os olhavam nos olhos; quando ignorados, deixavam as pessoas em paz. Talvez isso também valesse para as pombas. Em todo caso, Jonathan decidiu agir como se a pomba não existisse mais ou, pelo menos, não a encarar mais.

Empurrou devagar a mala para o corredor, bem devagar e com cuidado, passando por entre as nódoas verdes. Em seguida, abriu o guarda-chuva, segurou-o com a mão esquerda, mantendo-o diante do peito e do rosto qual um escudo, saiu para o corredor, sempre prestando atenção às manchas do chão, e fechou a porta atrás de si. Apesar de todo o propósito de agir como se nada existisse, voltou a sentir medo nesse instante, e seu coração bateu querendo sair pela garganta e, como não conseguiu tirar logo a chave do bolso com os dedos enluvados, começou a tremer tanto de nervosismo que o guarda-chuva quase lhe escapou e, ao agarrá-lo com a mão direita para prendê-lo entre o ombro e o rosto, a chave tombou de fato no chão, por um triz não caindo no meio de uma das manchas; Jonathan precisou abaixar-se para pegá-la e, então, quando finalmente agarrou-a com firmeza, estava tão agitado que errou três vezes antes de conseguir enfiá-la no buraco da fechadura e dar duas voltas. Nesse momento, quis chorar ao ouvir um bater de asas atrás de si... ou teria ele apenas batido com o guarda-chuva na parede?... Mas depois tornou a ouvir, de maneira inequívoca, um rápido e seco bater de asas, e então foi tomado pelo pânico. Arrancou a chave da fechadura, sobraçou a mala e saiu correndo. O guarda-chuva aberto foi se arrastando ao longo da parede, a mala deu solavancos nas portas dos outros quartos; os batentes da janela aberta estavam no caminho no meio do corredor; Jonathan forçou a passagem, puxou o guarda-chuva atrás de si com tanta violência e falta de jeito que o tecido do revestimento se rasgou, mas ele não prestou atenção nisso, não estava ligando a mínima, queria apenas desaparecer, desaparecer, desaparecer.

Só quando chegou ao patamar da escadaria foi que parou por um momento, para fechar o incômodo guarda-chuva e lançar um olhar para trás: os claros raios do sol da manhã entravam pela janela, moldando um bloco de luz de nítido contorno à sombra do crepúsculo do corredor. Quase não se podia enxergar através dele, e somente quando Jonathan piscou os olhos e fez força para olhar

foi que viu a pomba soltar-se do canto escuro bem lá do fundo, dar alguns rápidos e inseguros passos para a frente e, então, voltar a sentar-se outra vez, exatamente diante da porta de seu quarto.

Virou de costas horrorizado e desceu a escada. Nesse momento, Jonathan teve certeza de que nunca mais poderia retornar.

Foi se tranqüilizando de degrau em degrau. No patamar do segundo andar, uma súbita onda de calor fê-lo tomar consciência de que ainda estava vestido com casaco de inverno, cachecol e botas de pele. A qualquer momento, poderia sair das portas que levavam das cozinhas das residências dos proprietários para a escadaria dos fundos uma empregada que fosse às compras, ou o monsieur Rigaud, para jogar fora suas garrafas de vinho vazias, ou quem sabe até mesmo madame Lassalle, seja lá por que razão fosse-ela levantava cedo e agora também já estava acordada, sentia-se o aroma penetrante de seu café em toda a escadaria- portanto, madame Lassalle iria abrir a porta dos fundos de sua cozinha e ele, Jonathan, estaria diante dela no patamar da escada, no sol mais forte de agosto, com aquele grotesco disfarce de inverno - ninguém poderia simplesmente esconder um embaraço de tamanha extensão, ele seria obrigado a se explicar, mas como?, precisaria inventar uma mentira, mas qual? Não havia qualquer explicação plausível para o seu aspecto momentâneo. Só poderiam tomá-lo por maluco. Talvez ele estivesse louco.

Depositou a mala no chão, retirou dela o par de sapatos e, rápido, livrou-se das luvas, casaco, cachecol e botas; enfiou-se nos sapatos arrumou cachecol, luvas e botas na mala e pôs o casaco em cima do braço. Então achou que sua aparência estava explicada de novo para qualquer pessoa. Em caso de necessidade, sempre poderia afirmar que estava levando as roupas para a lavanderia e o casaco de inverno para limpar. Visivelmente aliviado, Jonathan prosseguiu a descida.

No pátio dos fundos encontrou a concierge, que acabava de voltar da rua carregando num carrinho as latas de lixo vazias. Jonathan sentiu-se flagrado no ato, seus passos detiveram-se de imediato. Não podia mais recuar para a penumbra da escadaria, ela já o vira, ele precisava seguir adiante.

- Bom dia, monsieur Noel - disse a concierge, quando Jonathan passou por ela num consciente passo enérgico.

- Bom dia, madame Roccard - murmurou ele.

Jamais falavam mais do que isso um com o outro. Havia dez anos -

este era o tempo em que ela se encontrava na casa-que ele nunca lhe falava mais do que "bom dia, madame" e "boa noite, madame" e "obrigado, madame", quando ela entregava a correspondência. Não que Jonathan tivesse alguma coisa contra ela. A concierge não era nenhuma pessoa desagradável. Não diferia em nada de sua predecessora e da pré-predecessora. Era como todas as concierges: de idade indefinida, entre o fim dos quarenta e o fim dos sessenta; como todas as concierges, de andar arrastado, silhueta gorducha, tez de cor branco-verme e cheiro de mofo. Quando não estava levando para fora ou trazendo de volta as latas de lixo no carrinho, quando não estava limpando a escada ou fazendo rápido suas compras, ficava sentada ao lado da luz de néon em seu pequeno cubículo da passagem entre a rua e o pátio, com a televisão ligada, costurando, passando roupa, cozinhando e embriagando-se com vinho tinto barato e vermute, como aliás qualquer outra concierge também faz. Não, de fato ele não tinha nada contra a mulher. Tinha algo contra as concierges em geral, pois estas eram seres humanos que, por profissão, observavam permanentemente outros seres humanos. E madame Roccard em especial era alguém que vivia observando em especial a ele, Jonathan. Era de todo impossível passar por madame Roccard sem que ela notasse, mesmo que fosse apenas o mais rápido e quase imperceptível abrir de olhos. Mesmo quando ela estava adormecida em sua cadeira dentro do cubículo-coisa que acontecia sobretudo nas primeiras horas da tarde e depois da janta-bastava o leve rangido da porta de entrada para que ela despertasse e notasse o transeunte. Nenhuma outra pessoa do mundo tomava conhecimento de Jonathan com tanta freqüência e exatidão como madame Roccard. Amigos ele não tinha nenhum. No banco, pertencia ao inventário, por assim dizer. Os clientes encaravam-no como parte do cenário, não como pessoa. No supermercado, na rua, no ônibus (quando foi que ele viajou de ônibus!), seu anonimato era garantido pela multidão das outras pessoas. Apenas e somente madame Roccard conhecia-o e reconhecia-o todos os dias, dispensando-lhe sua integral atenção duas vezes ao dia, pelo menos. Com isso, ela conseguia obter conhecimentos tão íntimos sobre a vida que Jonathan levava, como: que roupa estava usando; quantas vezes por semana trocava de camisa; se havia lavado o cabelo; que janta estava trazendo para casa; se recebia cartas e de quem. E embora, como já foi dito, Jonathan de fato nada tivesse a objetar pessoalmente contra madame Roccard, e embora soubesse muito bem que seus olhares indiscretos fossem fruto não da curiosidade, mas de seu sentimento de dever profissional, mesmo assim continuava achando que aqueles olhares lhe eram lançados como uma recriminação silenciosa, e todas as vezes em que passava

por madame Roccard, subia-lhe por dentro uma rápida e quente onda de indignação - mesmo depois de tantos anos: mas por que diabo ela está reparando em mim de novo? Por que estou sendo novamente examinado por ela? Por que um dia ela enfim não reconhece a minha independência, passando a não reparar em mim? Por que os seres humanos são tão importunos?

E como nesse dia ele estava especialmente sensível por causa dos acontecimentos anteriores, levando consigo, como acreditava, de maneira bem aberta e evidente, a miserabilidade de sua existência na forma de uma mala e um casaco de inverno, os olhares de madame Roccard atingiram-no de modo bem doloroso, e sobretudo seu tratamento "bom dia, monsieur Noel!" pareceu-lhe puro escárnio. De repente, a onda de indignação que até então sempre represara com segurança em seu íntimo transbordou, cresceu ao ponto da raiva declarada, e Jonathan fez algo que nunca fizera antes: parou depois de já ter passado por madame Roccard, pousou a mala no chão, colocou o casaco de inverno por cima e voltou para trás; voltou firme e decidido a, enfim, opor alguma coisa à impertinência de seus olhares e palavras dirigidas. Ao partir para cima dela, Jonathan ainda não sabia o que iria fazer ou dizer. Sabia apenas que iria fazer e dizer alguma coisa. A onda transbordada de indignação empurrou-o para ela, e sua coragem estava ilimitada.

Ela descarregara as latas de lixo e estava pronta para retornar ao seu cubículo quando ele a alcançou, no centro exato do pátio. Ficaram parados a cerca de meio metro um do outro. Nunca antes ele vira seu rosto de verme tão de perto. A pele das bochechas pareceu-lhe de extrema fragilidade, como seda velha e quebradiça, e em seus olhos, olhos castanhos, quando vistos de perto, não havia mais nada da aguda insolência, porém algo mais brando, uma timidez quase juvenil. Contudo, Jonathan não se deixou exasperar pela visão desses detalhes - que, sem dúvida nenhuma, pouco correspondiam à imagem que ele formara de madame Roccard. Para dar um cunho mais oficial à sua entrada em cena, bateu de leve na boina de serviço e disse com voz bem cortante:

- Madame! Quero dizer-lhe uma palavra.

- Até esse momento ele ainda não sabia o que de fato queria dizer.

- Sim, monsieur Noel?-disse madame Roccard, jogando a cabeça para trás com

um curto movimento tremulo.

Ela se assemelha a um pássaro, pensou Jonathan; a um passarinho que está com medo. E repetiu suas palavras em tom cortante:

- Madame, tenho o seguinte a lhe dizer...- e então, para seu próprio espanto, ouviu a indignação que ainda o impulsionava formar a frase, sem que houvesse qualquer intervenção de sua parte:-Diante do meu quarto encontra-se um pássaro, madame - e, a seguir, concretizando:-uma pomba, madame.

Está pousada nos ladrilhos diante de meu quarto. - e foi somente nesse ponto que ele conseguiu puxar os freios dessa conversa jorrada como que do inconsciente e levá-la para uma certa direção, acrescentando à guisa de explicação: - Essa pomba, madame, já sujou de excrementos todo o corredor do sexto andar.

Madame Roccard passou algumas vezes de um pé para o outro, jogou a cabeça ainda um pouco mais para trás e disse:

- De onde veio a pomba, monsieur?

- Eu não sei - disse Jonathan. - É provável que ela tenha penetrado pela janela do corredor. A janela está aberta. A janela deve ficar sempre fechada. É o que consta nas regras da casa.

- É provável que um dos estudantes a tenha aberto - disse madame Roccard - por causa do calor.

- Pode ser-disse Jonathan. - Mas mesmo assim ela deve ficar sempre fechada. Justamente no verão. Se houver uma trovoada, ela pode ser batida e quebrar-se. Isso já aconteceu uma vez, no verão de 1962. Naquela época custou cento e cinqüenta francos para repor o vidro. Desde então, passou a constar nas regras da casa que a janela deve ficar sempre fechada.

Jonathan notou muito bem que sua contínua referência às regras da casa tinha algo de ridículo. E não estava nem um pouco interessado em saber como a pomba fora capaz de entrar. Não queria em absoluto uma conversa pormenorizada sobre a pomba; afinal, esse problema repugnante só dizia respeito a ele próprio. Queria livrar-se de sua indignação para com os

impertinentes olhares de madame Roccard, mais nada, e isso ocorrera com as primeiras frases. Nesse momento, a indignação diminuíra. Agora ele já não sabia mais como prosseguir.

- Só se precisa espantar a pomba e fechar a janela - disse madame Roccard.

Ela o disse como se fosse a coisa mais simples do mundo e como se depois tudo ficasse em ordem de novo. Jonathan manteve-se calado. Ficara com o olhar preso no solo castanho de seus olhos, estava na iminência de afundar-se neles, como em um pântano macio e castanho, e foi obrigado a fechar os olhos durante um segundo, para emergir de novo; e a pigarrear, para reencontrar a própria voz.

- E que...- começou e tornou a pigarrear-é que lá já está cheio de manchas. Cheio de manchas verdes. E de penas também. Ela sujou todo o corredor. Este é o problema principal.

- Claro, monsieur - disse madame Roccard -, o corredor precisa ser limpo. Mas em primeiro lugar alguém precisa enxotar a pomba.

- Sim - disse Jonathan -, sim, sim...

- e pensou: o que ela quer dizer? O que ela quer? Por que diz: alguém precisa enxotar a pomba? Será que está dizendo que eu devia enxotar a pomba? E Jonathan desejou jamais ter-se atrevido a dirigir a palavra a madame Roccard.- Sim, sim-ele prosseguiu balbuciando - alguém... alguém precisa enxotá-la. Eu... eu mesmo já a teria enxotado há muito tempo, mas isso não me ocorreu. Estou apressado. Como a senhora vê, hoje estou levando minhas roupas e meu casaco de inverno. Preciso levar o casaco para o tintureiro e as roupas para a lavanderia, e depois tenho de ir para o trabalho.

Estou muito apressado, madame, por isso não pude enxotar a pomba. Eu só queria comunicar-lhe o incidente. Sobretudo por causa das manchas. A sujeira do corredor causada pelas nódoas da pomba é o problema principal e contradiz as regras da casa. No regulamento da casa está escrito que o corredor, a escada e os banheiros devem ser mantidos sempre um Jonathan não podia lembrar-se de jamais em sua vida ter entabulado uma conversa tão tortuosa.

Parecia-lhe que as mentiras eram trazidas à luz com a nitidez mais grosseira; e a única verdade que deveriam encobrir, que ele de fato nunca, jamais, seria capaz de desalojar a pomba, senão que, pelo contrário, de há muito que ela o

desalojara, era revelada da maneira mais dolorosa; e mesmo se madame Roccard não tivesse captado essa verdade em suas palavras, então claro que agora poderia interpretá-la em seu rosto, pois Jonathan sentiu-se quente, com o sangue subindo-lhe à cabeça e as faces ardendo de vergonha.

Madame Roccard, contudo, agiu como se nada tivesse percebido (ou por acaso ela nada teria percebido?). Disse apenas:

- Agradeço-lhe o aviso, monsieur. Assim que tiver oportunidade me ocuparei da coisa - e baixou a cabeça, fez uma curva em torno de Jonathan, arrastou os pés em direção à casinha do toalete ao lado de seu cubículo e desapareceu lá dentro.

Jonathan seguiu-a com a vista. Se nele ainda restava alguma esperança de que alguém pudesse salvá-lo da pomba, esta esperança desapareceu com a visão desconsoladora de madame Roccard sumindo na casinha do toalete. Ela não vai ocupar-se de coisa alguma, pensou, de coisa alguma. E também, por que haveria? Afinal, ela é apenas uma concierge e, como tal, tem a obrigação de limpar a escada e o corredor e, uma vez por semana, fazer a limpeza no banheiro coletivo, mas não de enxotar uma pomba.

Hoje à tarde, o mais tardar, ela se embriagará de vermute e esquecerá todo o incidente, isso se já não o esqueceu agora, neste exalo momento...

Jonathan chegou à frente do banco às oito e quinze em ponto, exatamente cinco minutos antes da chegada do diretor interino, monsieur Vilman, e de madame Roques, a caixa-chefe. Juntos, eles abriram o portal principal de par em par: Jonathan, a grade pantográfica externa, madame Roques, a porta de vidro blindado externa, monsieur Vilman, a porta de vidro blindado interna. Em seguida, Jonathan e monsieur Vilman desligaram a instalação do alarme com suas chaves, Jonathan e madame Roques abriram a porta de incêndio de fechadura dupla que dava para o porão, madame Roques e monsieur Vilman desapareceram na cave a fim de abrir a sala do cofre com suas chaves, ao passo que Jonathan, que nesse meio-tempo trancara mala, guarda-chuva e casaco de inverno no guarda-roupa ao lado dos toaletes, assumia a posição junto à porta de vidro blindado interna e permitia a entrada dos funcionários que iam chegando pouco a pouco, apertando dois botões que destravavam, num sistema de comportas, com eletricidade alternada, um a porta de vidro blindado externa, e o outro, a interna. Às oito e quarenta e cinco, todo o pessoal estava reunido, cada qual instalado em seu posto de trabalho, atrás dos guichês, nos caixas ou nos

escritórios, e Jonathan saiu do banco para ir ocupar o posto lá fora, nos degraus de mármore diante do portal principal. Começava seu ser viço propriamente dito.

Havia trinta anos que este serviço consistia apenas em Jonathan postar-se de pé diante do portão das nove da manhã às treze horas e, à tarde, das catorze e trinta até as dezessete e trinta, ou, quando muito, patrulhar com passos medidos, subindo e descendo até o mais inferior dos três degraus de mármore. Por volta das nove e meia e entre quatro e meia e cinco horas, havia uma pequena interrupção ocasionada pela chegada, bem como pela partida, da limusine preta de monsieur Roedel, o diretor. Tinha então de deixar o posto de guarda dos degraus de mármore, andar apressado cerca de doze metros ao longo do prédio do banco até o portão de entrada de carros do pátio dos fundos, empurrar a pesada grade de aço, abrindo-a, levar a mão à aba da boina numa saudação respeitosa e deixar a limusine passar. O mesmo podia acontecer de manhã cedo ou no final da tarde, caso estacionasse o furgão blindado azul do serviço de transporte de valores da Brink’s. A grade de aço também devia ser aberta para ele, também cabia um gesto de saudação aos seus tripulantes, é bem verdade que não o respeitoso, com a mão espalmada levada à aba da boina, mas sim o gesto de cumprimento aos colegas, mais descuidado, uma batida de leve com o dedo indicador na aba da boina. Fora isso, nada mais acontecia. Jonathan ficava parado, o olhar fixo à frente, e esperava. Às vezes olhava para os pés, noutras ocasiões para a calçada, de vez em quando olhava para o outro lado da rua, para o café. Vez por outra caminhava sete passos para a esquerda e sete para a direita no degrau de mármore mais baixo, ou então saía do degrau interior e postava-se no segundo e, de vez em quando, quando o sol caía forte demais e o suor empapava o forro da boina, Jonathan chegava inclusive a galgar o terceiro degrau, que era sombreado pela marquise do portal para ali ficar parado, olhando fixo e esperando, após haver tirado a boina num breve lapso de tempo e enxugado com a manga da camisa a testa úmida.

Jonathan um dia calculara que, até a sua aposentadoria, ele haveria de passar parado mais de setenta e cinco mil horas naqueles três degraus de mármore. Ele seria então, com toda segurança, a única pessoa em toda Paris -

quem sabe também em toda a França - que teria ficado mais tempo parado num único e mesmo lugar. Provavelmente já o era agora, posto que passara mais de cinqüenta e cinco mil horas nos degraus de mármore. Afinal de contas, ainda sobravam muito poucos vigias de emprego fixo na cidade. A maioria dos bancos em servida pelas chamadas empresas de vigilância, tendo postados nas suas

portas guardas jovens, de pernas escarranchadas e aparência amigável e mofada, que são substituídos poucos meses depois-e com freqüência após poucas semanas - por outros também de aparência amigável e mofada supostamente por razões da psicologia do trabalho: a atenção de uni guarda, dizem, esmorece quando ele presta serviço num mesmo e único lugar por tempo longo demais; embota-se a sua capacidade de observação das ocorrências no ambiente; ele se torna indolente, desleixado e, por conseguinte, incapaz para suas tarefas...

Tudo besteira! Jonathan sabia muito bem: a atenção do guarda extinguia-se já após algumas horas. O ambiente em torno ou mesmo as muitas centenas de pessoas que entravam no banco ele não levava em consideração de modo consciente já no primeiro dia, coisa que tampouco era necessária, posto que, de qualquer maneira, não se poderia diferenciar um assaltante de banco de um cliente. E mesmo que o guarda pudesse e se lançasse ao encontro do ladrão, seria fuzilado e morto, antes mesmo de soltar a aba de segurança do coldre da pistola, pois em relação ao guarda de segurança o assaltante dispunha da vantagem da surpresa, que não podia ser compensada.

Como uma esfinge - era isso que Jonathan achava (pois um dia lera sobre esfinges em um de seus livros) -, o guarda de segurança era como uma esfinge. Atuava não através de uma ação, mas pela pura presença física. Ele a opunha, e apenas ela, ao assaltante potencial. “Você precisa passar por mim”, diz a esfinge ao profanador do sepulcro, “não posso impedi-lo, mas você precisa passar por mim, e se ousá-lo, então a vingança dos deuses e os manes dos faraós cairão sobre você!” E o guarda de segurança: “Você precisa passar por mim, não posso impedi-lo, mas se ousá-lo, terá de abater-me a tiros e a vingança dos tribunais cairá sobre você na forma de uma sentença por assassinato!”

Só que, sem dúvida nenhuma, Jonathan sabia muito bem que a esfinge dispunha de sanções mais efetivas do que o guarda de segurança. Um guarda não podia ameaçar com a vingança dos deuses. E também para o caso de o ladrão não dar importância a sanções, a esfinge quase não corria perigo.

Ela era de basalto, esculpida em pura rocha, fundida em metal ou feita de alvenaria firme. Sem nenhum esforço, durava cinco mil anos a mais do que um profanador de sepulcros... entretanto, no caso de um assalto a banco, o guarda de segurança certamente perderia a vida já cinco segundos depois. Não obstante, como Jonathan descobriu, os dois se assemelhavam, a esfinge e o guarda de segurança, pois o poder de ambos era não instrumental, mas simbólico. E apenas

com a consciência desse poder simbólico, que se ajustava a todo seu orgulho e dignidade, que lhe dava força e perseverança, que o tornava mais invulnerável do que a atenção, a arma ou o vidro blindado, Jonathan Noel postava-se nos degraus de mármore diante do banco e fazia a guarda, havia já trinta anos, sem medo, sem insegurança, sem a menor sensação de insatisfação e sem expressões faciais de enfado, até esse dia.

Contudo, nesse dia tudo estava diferente. Nesse dia, Jonathan não conseguia de maneira alguma encontrar-se em sua tranqüilidade esfíngica. Já poucos minutos depois senti o fardo de seu corpo, uma pressão dolorosa na sola dos pés; deslocou o peso de um pé para o outro e depois de novo para o primeiro e, com isso, teve uma leve vertigem, sendo obrigado-a dar pequenos passos para os lados a fim de não deixar que seu centro de gravidade, que até então sempre mantivera aprumado de maneira exemplar, perdesse o equilíbrio.

E de repente também sentiu cócegas nas coxas, nos lados do peito e na nuca.

Depois de algum tempo, sentiu cócegas na testa, como quando esta ressecava e esfriava, da mesma forma que, muitas vezes ocorria no inverno - em compensação agora fazia calor, aliás um calor bem incomum para as nove e quinze, a testa já estava úmida como, em geral, só estaria por volta das onze e meia..., havia cócegas nos braços, no peito, nas costas, pernas abaixo, sentia cócegas por toda parte onde existia pele, e ele gostaria de coçar se, de modo bem desenfreado e ávido, mas não havia a menor possibilidade de um guarda de segurança coçar-se em público! E assim, Jonathan respirou fundo, empinou-se, corcoveou, descontraiu as costas, levantou e abaixou os ombros e, dessa maneira, esfregou-se por dentro, contra a própria roupa, a fim de obter alívio.

Essas torceduras e convulsões inabituais fortaleceram, sem dúvida, aquelas vertigens, e em pouco tempo os pequenos passos dados para os lados já não bastavam mais para a manutenção do equilíbrio, e Jonathan viu-se forçado a, contrariando seu hábito, desistir de sua postura estatuária de guarda antes mesmo da chegada da limusine de monsieur Roedel, por volta das nove e meia, e a passar ao patrulhamento de cima para baixo, sete passos para a esquerda, sete passos para a direita. Em compensação, tentou fixar o olhar no canto de pedra do segundo degrau de mármore fazendo-o andar como um vagãozinho de um lado para o outro num trilho seguro, para que em seu íntimo se formasse a ansiada serenidade esfíngica através dessa imagem sempre igual do canto de pedra do degrau de mármore, instilada com monotonia, para que ele pudesse esquecer-se

do peso de seu corpo, da coceira em sua pele e, sobretudo, de toda a estranha confusão no corpo e no espírito. Mas não havia o que fazer. O vagãozinho saía constantemente dos trilhos. A cada fechar de pálpebras, o olhar desvencilhava-se do maldito canto e saltava em direção a uma outra coisa: um pedaço de jornal na calçada; um pé metido em uma meia azul; as costas de uma mulher; uma cesta de compras com pão dentro; a maçaneta da porta de vidro blindado externa; o brilhante losango vermelho do anúncio de cigarro no café em frente; uma bicicleta, um chapéu de palha, um rosto... E em nenhuma parte ele conseguiu fixar-se, descobrir um novo ponto de fixação que lhe desse apoio e orientação. Nem bem o chapéu de palha fora enfocado à direita e um ônibus fazia o olhar descer para a esquerda da rua, para logo depois de alguns metros entregá-lo a um conversível esporte branco, que de novo o levava para a direita da rua, onde, nesse meio-tempo, desaparecera o chapéu de palha - o olho procurava-o em vão na multidão de transeuntes, na multidão de chapéus, ficava pendurado em uma rosa que oscilava em um chapéu completamente diferente, apartava-se e, enfim, caía de volta ao canto de pedra, sem de novo conseguir descansar, continuava a vagar, sem pausa, de ponto a ponto, de mancha a mancha, de linha a linha...

Era como se nesse dia pairasse no ar uma onda de calor, dessas que só se conhecem nas tardes mais quentes de julho. Diáfanos véus tremiam diante das coisas. Os contornos das casas, as linhas dos telhados e cumeeiras eram desenhados com brilho deslumbrante e ao mesmo tempo desfocado, como se estivessem desfiados. Os cantos de pedra das calhas e as ranhuras entre as pedras de cantaria da calçada - em geral traçados como que com régua serpenteavam em curvas cintilantes. E todas as mulheres pareciam estar usando roupas vivas nesse dia, passavam chamejando como labaredas, atraíam o olhar para si e, contudo, não o deixavam demorar-se. Nada mais tinha contornos claros. Nada mais podia ser fixado com clareza. Tudo bruxuleava.

São os olhos, pensou Jonathan. Fiquei míope da noite para o dia.

Preciso de óculos. Quando criança precisara usar óculos, mas não eram fortes, menos zero vírgula setenta e cinco de dioptria, no esquerdo e no direito. Era bem estranho que essa miopia lhe voltasse outra vez na idade avançada. Com a idade era mais fácil que as pessoas ficassem hipermetropes e que a miopia existente diminuísse, ele lera. Talvez não se tratasse de uma miopia clássica que ele estivesse sofrendo, mas sim de alguma coisa que não se pudesse sanar com um par de óculos: uma catarata, um glaucoma, um descolamento da retina, um câncer de olho, um tumor no cérebro que pressionasse o nervo ocular...

Jonathan estava tão ocupado com esses terríveis pensamentos que uma rápida buzinada repetida não penetrou direito em sua consciência. Só na quarta ou quinta vez - nesse instante já davam buzinadas longas - foi que ele ouviu e reagiu levantando a cabeça: e lá estava de fato a limusine negra de monsieur Roedel diante do portão de grade! Buzinaram e chegaram a acenar, como se já estivessem esperando havia alguns minutos. Diante do portão de grade! A limusine de monsieur Roedel! Quando foi que ele deixara de notar a sua aproximação? Em geral, nem precisava olhar, sentia que o carro estava vindo, ouvia o zumbido do motor; Jonathan podia estar dormindo que acordaria qual um cão quando a limusine de monsieur Roedel se aproximasse.

Não se apressou, precipitou-se em sua direção-quase caiu com sua precipitação - , abriu a grade, empurrou-a para trás, saudou, deixou passar, sentiu o coração palpitar e a mão estremecer na aba da boina.

Quando fechou o portão e retornou ao portal principal, estava banhado em suor.

- Você não viu a limusine de monsieur Roedel - murmurou para si mesmo com a voz trêmula pelo desespero, e repetiu, como se ele próprio não pudesse compreender: - Você não viu a limusine de monsieur Roedel... você não viu, você falhou, você descuidou de suas obrigações de maneira grosseira, você está não apenas cego está surdo, está decadente e velho, já não serve mais para ser guarda de segurança.

Jonathan chegara ao degrau inferior da escada de mármore; galgou-a e, de novo, tentou assumir posição. Logo depois notou que não conseguia. Os ombros já não se deixavam ficar eretos, os braços bamboleavam junto à costura das calças. Sabia que nesse momento eslava apresentando uma figura ridícula, e nada podia fazer contra isso. Em silente desespero, olhou para a calçada, para a rua, para o café em frente. Cessara a vibração no ar. As coisas estavam aprumadas de novo, as linhas corriam retas, o mundo estava claro diante de seus olhos. Ouvia o barulho do trânsito, o sibilar das portas dos ônibus, o grito do garçom do café, o matraquear dos sapatos altos das mulheres. Nem sua visão nem sua audição haviam sido prejudicadas um mínimo que fosse. Mas o suor lhe pingava da testa às torrentes. Jonathan sentia-se fraco. Virou-se, subiu ao segundo degrau, subiu ao terceiro degrau, e postou-se nas sombras que cobriam a coluna ao lado da porta de vidro blindado externa. Cruzou as mãos nas costas, de tal modo que tocaram a coluna. Então, mim movimento lento, deixou-se cair para trás, contra as próprias mãos e contra a coluna, e, pela primeira vez em seus trinta anos de

serviço, recostou-se. E fechou os olhos durante alguns segundos. De tanta vergonha que sentiu.

No intervalo do almoço, buscou mala, casaco e guarda-chuva no armário e foi até a vizinha Rue Saint Placide, onde havia um pequeno hotel, habitado sobretudo por estudantes e trabalhadores estrangeiros. Pediu o quarto mais barato, ofereceram-lhe um por cinqüenta e cinco francos, Jonathan aceitou sem vê-lo, pagou adiantado, deixou a bagagem na recepção. Comprou dois sorvetes de passas e um saco de leite em um quiosque e atravessou para a praça Boucicaut, um pequeno parque diante do mercado Bon Marché.

Sentou-se em um banco à sombra e comeu.

Dois bancos adiante estava sentado um clochard. Este tinha uma garrafa de vinho branco entre as coxas, meia bisnaga na mão e, no banco ao seu lado, uma bolsa com sardinhas fritas. Puxava as sardinhas pelo rabo, tirando-as do saco uma após a outra, arrancava a cabeça com uma mordida, cuspia-a e enfiava todo o resto na boca. Em seguida, um pedaço de pão, um enorme trago na garrafa e um gemido satisfeito. Jonathan conhecia o homem.

No inverno, ele sempre ficava sentado na grade de cima do porão de aquecimento do mercado; e no verão, diante das butiques da Rue de Sèvres, ou no portal da missão dos estrangeiros, ou ao lado dos correios. Havia décadas que ele vivia no bairro, tanto tempo quanto Jonathan. E Jonathan recordava-se de que outrora, trinta anos atrás, quando o viu pela primeira vez, foi possuído por uma espécie de inveja furiosa, inveja da maneira despreocupada com que aquele homem levava sua vida. Enquanto Jonathan chegava em seu serviço todos os dias às nove em ponto, o clochard muitas vezes aparecia somente por volta das dez ou onze horas; enquanto Jonathan precisava ficar em posição de sentido, o outro jogava-se confortável em cima de um cantinho de papelão e fumava; enquanto Jonathan vigiava um banco com risco de sua vida, hora após hora, dia após dia e ano após ano, ganhando seu tristonho sustento com essa atividade, aquele outro sujeito não fazia outra coisa a não ser confiar na compaixão e assistência de seus semelhantes, que lhe atiravam na boina o dinheiro vivo. E ele nunca parecia estar de mau humor, nem mesmo quando a boina ficava vazia, nunca parecia sofrer, ou inquietar-se, ou mesmo entediar-se. Sempre exalava uma autoconfiança e auto-satisfação revoltantes, a aura da liberdade, provocante de se ver.

E depois, uma vez, em meados dos anos sessenta, no outono, quando Jonathan foi à agência dos correios na Rue Dupin e quase tropeçou numa garrafa de vinho na entrada, colocada em cima do pedacinho de papelão, entre uma bolsa de plástico e a boina bem conhecida com algumas moedas dentro, e quando procurou, sem querer, o clochard durante alguns momentos, não porque estivesse sentindo sua falta como pessoa, mas sim porque faltava o ponto central da natureza-morta composta de garrafa, bolsa e papelão... então Jonathan o viu agachado entre dois carros estacionados do outro lado da rua e viu como ele fazia suas necessidades: o clochard agachara-se ao lado do meio-fio, com as calças arriadas até os joelhos, o traseiro virado na direção de Jonathan, as nádegas totalmente desnudas, os transeuntes passavam, todos podiam vê-lo: um traseiro branco-farinha, com manchas azuis e lugares com crostas avermelhadas, de aparência tão esfolada como as nádegas de um ancião mantido num leito - em contrapartida, o homem não era mais velho do que Jonathan nessa época, tinha talvez trinta, no máximo trinta e cinco anos de idade. E desse traseiro esfolado saiu então um jorro de líquido marrom, caindo no calçamento com tremenda violência e em grande quantidade, formando um charco, um mar que circundou os sapatos, e os salpicos lançados para cima e para os lados mancharam meias, coxas, calças, camisa, tudo...

Aquela visão foi tão miserável, tão causadora de nojo e tão horrenda que ainda hoje Jonathan sentia calafrios tão logo rememorava o fato. Naquele dia, após um instante de entorpecimento provocado pelo horror, Jonathan fugiu para dentro da salvadora agência dos correios, pagou uma conta de luz, comprou ainda alguns selos, apenas para prolongar sua estada e ter certeza de que, ao sair da agência, já não encontraria mais o clochard em seu afazer.

Depois então, quando saiu, apertou os olhos, baixou os olhos e forçou-se a não olhar para o outro lado da rua, mas para a frente, Rue Dupin acima, e dali ainda virou à esquerda, embora nada tivesse a fazer ali, apenas para não ser obrigado a passar pela praça com a garrafa de vinho, o papelão e a boina, e suportou um enorme desvio, passando pela Rue du Cherche Midi e o Boulevard Raspail, antes de atingir a Rue de la Planche e o seu quarto, a redoma segura.

A partir desse momento, dissipou-se na alma de Jonathan qualquer sentimento de piedade pelo clochard. Se até então de vez em quando ainda lhe surgia uma pequena dúvida sobre se teria sentido um ser humano passar um terço de sua vida de pé diante das portas de um banco, abrindo ocasionalmente uma grade e batendo continência à limusine do diretor, sempre a mesma coisa, com férias

curtas e salário reduzido, cuja maior parte desaparecia, sem deixar vestígios, na forma de impostos, aluguel e contribuições à Previdência Social., se tudo isso teria sentido; agora a resposta estava diante de seus olhos com a clareza daquele terrível quadro presenciado na Rue Dupin: sim, tinha sentido. Na verdade, tinha até muito sentido, pois o resguardava de desnudar seu traseiro em público e de cagar no meio da rua. O

que havia de mais miserável do que desnudar o traseiro em público e ser obrigado a cagar no meio da rua? O que havia de mais humilhante do que aquelas calças arriadas, aquela postura de cócoras, aquela odiada nudez forçada? O que havia de mais desamparado e degradante do que a obrigação de fazer aquele desagradável negócio diante dos olhos do mundo?

Necessidades! Só o nome já traía o martírio. E como tudo que se precisava fazer sob imperiosa coação, elas requeriam, para serem pelo menos suportáveis, a ausência radical dos outros homens... ou, pelo menos, a aparência de sua ausência: um bosque, quando a pessoa se encontrava no Campo; uma moita, quando se era acometido em campo aberto, ou, pelo menos, um sulco lavrado ou a escuridão da noite, ou, quando tal não era o caso, um declive protegido da visão de outros, onde num raio de pelo menos um quilômetro ninguém tivesse permissão de olhar. E na cidade? Numa cidade apinhada de gente? Onde jamais escurecia de todo? Onde nem mesmo um prédio abandonado e em ruínas oferecia segurança suficiente contra olhares importunos? Na cidade, nada propiciava o afastamento dos homens, a não ser um tabique com boa fechadura e ferrolho. Quem não possuísse esse refúgio seguro para as necessidades era o mais miserável e desgraçado de todos os homens, tendo ou não liberdade. Jonathan seria capaz de viver com pouco dinheiro. Poderia imaginar-se usando um paletó surrado, calças rasgadas. Por necessidade e se mobilizasse toda a sua imaginação romântica, ainda lhe pareceria inclusive imaginável dormir em cima de um pedaço de papelão e restringir a intimidade do próprio lar a um canto qualquer, a uma grade de calefação, a uma escadaria de estação de metrô. Mas quando numa grande cidade nem ao menos se pode fechar uma porta atrás de si para cagar -

mesmo que seja a porta do banheiro do andar -, quando se privou a pessoa dessa liberdade mais importante, ou seja, a liberdade de se isolar dos outros homens para satisfazer as próprias necessidades, então todas as outras liberdades não têm valor. A vida passa a não ter qualquer sentido. Melhor seria estar morto.

Quando Jonathan reconheceu que a essência da liberdade humana consistia na posse de um banheiro de andar e que ele dispunha dessa liberdade essencial, foi possuído de um sentimento de profunda satisfação.

Sim, estava realmente certa a maneira como ele organizara sua vida! Levava uma existência totalmente feliz. Já que nada havia, mas nada havia mesmo a deplorar ou a sentir inveja nos outros homens.

A partir desse instante, sentiu-se com pernas mais firmes diante das portas do banco. Postava-se ali como se tivesse sido moldado em bronze.

Aquela sólida satisfação e autoconfiança que até então presumira na pessoa do clochard penetraram nele próprio qual metal fundido, petrificaram-se transformando-se numa blindagem interna, e deixaram-no mais pesado. Desde então, nada mais poderia abalá-lo, e nenhuma dúvida poderia deixá-lo hesitante. Encontrara a serenidade esfíngica. Em relação ao clochard - quando se encontrava com este ou quando o via sentado em algum lugar -, continuava tendo apenas aquele sentimento que, em geral, é designado como tolerância: uma mescla sufocante de sentimentos de nojo, desprezo e compaixão. O

homem já não o afligia mais. Pouco se importava com o homem.

Pouco se importava com ele até o fim do dia de hoje, quando Jonathan estava sentado na praça Boucicaut, consumindo o sorvete de passas e bebendo o leite ensacado. Em geral, Jonathan ia sara casa na hora do almoço.

Afinal, morava a apenas cinco minutos dali. Tinha por costume fazer algo quente em casa, em seu fogareiro, uma omelete, ovos estrelados com presunto macarrão com queijo ralado, o resto da sopa da véspera e salada como acompanhamento e uma xícara de café. Já fazia uma eternidade desde que se sentara em um banco de parque na pausa do almoço e tornava um sorvete de passas e bebera leite no saco. Na verdade, não gostava tanto assim de doces, E tampouco de leite. Mas nesse dia já gastara cinqüenta e cinco francos com o quarto do hotel; para ele teria parecido um desperdício ir a um café e pedir omelete, salada e cerveja.

O clochard do banco do outro lado havia terminado sua refeição.

Depois das sardinhas e do pão, ainda comera queijo, peras e biscoitos, tomara

um enorme gole da garrafa de vinho, dera um suspiro de profunda satisfação e, em seguida, enrolara o paletó formando um travesseiro, deitara a cabeça em cima e esticara o corpo preguiçoso e saciado no comprimento do banco, para proceder ao descanso do almoço. Agora estava dormindo. Pardais aproximaram-se pulando e debicaram as migalhas de pão; depois, atraídas pelos pardais, algumas pombas subiram hesitantes no banco e, com seus bicos pretos, bicaram as cabeças cortadas das sardinhas. O clochard não se incomodou com os pássaros. Dormia profunda e tranqüilamente.

Jonathan contemplou-o. E ao contemplá-lo foi acometido de estranha intranqüilidade. Esta intranqüilidade não foi causada pela inveja como tempos atrás, mas pela admiração: como era possível, perguntou-se, que aquele homem ainda estivesse vivo com mais de cinqüenta anos? Será que ele já não devia ter morrido de fome muito tempo antes, com aquela sua maneira de viver totalmente irresponsável, não devia ter sucumbido de frio ou ter sido arrebatado por uma cirrose hepática... de qualquer modo, já não devia estar morto? Em vez disso, ele comia e bebia com o melhor dos apetites, dormia o sono dos justos e, com suas calças remendadas - que, claro, já não eram mais aquelas que ele arriara outrora na Rue Dupin, mas sim um par de calças de veludo, relativamente descuidadas, quase na moda, remendadas apenas aqui e ali-e seu paletó de algodão, dava a impressão de ser uma personalidade bem firme, que se encontrava com a mais bela das harmonias consigo próprio e com o mundo e que gozava a vida... ao passo que ele, Jonathan - e, pouco a pouco, sua admiração intensificava-se em uma espécie de nervosa confusão mental -, ao passo que ele, que durante toda a vida fora uma pessoa honesta e metódica, despretensiosa, limpa e de dieta ascética, sempre pontal e obediente, de confiança, decorosa... e que ganhara com o próprio suor cada 5

cêntimos que possuía e que sempre pagava tudo à vista, a conta da luz, o aluguel, as Cestas de Natal da concierge... e que nunca contraía dívidas, que nunca pesara nos ombros de alguém, não ficara doente nem uma única vez e que nunca vivera à custa do seguro social... nunca fizera qualquer mal a alguém, nunca, jamais desejara outra coisa da vida a não ser obter e consolidar sua própria paz espiritual, pequena e modesta.., ao passo que ele se via jogado de cabeça para baixo em uma crise no seu qüinquagésimo terceiro ano de vida, crise esta que abalava todo o seu projeto de vida tão bem engendrado, deixando-o desorientado e desconcertado e fazendo-o devorar o sorvete de passas por pura perturbação e medo. Sim, estava com medo! Deus sabe que ele tremia e tinha medo apenas por contemplar aquele clochard que dormia: de repente, passou a sentir um medo

terrível de ser obrigado a tornar-se o mesmo que aquele arruinado ser humano ali, em cima do banco. A rapidez com que podia acontecer o empobrecimento e a ruína de uma pessoa.

A rapidez com que desmoronavam os alicerces aparentemente bem consolidados da própria existência! “Você não viu a limusine de monsieur Roedel” voltou a passar-lhe pela cabeça. “Hoje aconteceu de fato o que nunca acontecera e que jamais deveria ter acontecido: você não viu a limusine. E se hoje você não viu a limusine, talvez amanhã perca a hora do serviço, ou talvez perca a chave do portão de grade pantográfica, e no mês seguinte será vergonhosamente demitido e não encontrará um novo trabalho, pois quem haveria de empregar uma pessoa que falha? Nenhum ser humano pode viver do auxílio-desemprego; além disso, até lá você já terá perdido seu quarto, uma pomba viverá nele, uma família de pombas habitará, sujará e devastará seu quarto, as contas de hotel subirão vertiginosamente, você se embriagará de tanta aflição, beberá cada vez mais, dissipará toda a sua poupança com a bebida, se entregará sem remédio ao alcoolismo, adoecerá, se depravará, se encherá de piolhos, entrará em decadência, será expulso da última moradia mais barata, não terá nem 5 cêntimos, estará diante do nada, será jogado na rua, dormirá e morará na rua, cagará na rua, você chegou ao fim, Jonathan, em um ano você terá chegado ao fim e, qual um clochard, ficará deitado em um banco de parque, com as roupas esfarrapadas como aquele ali, seu depravado irmão.

Sua boca ficara seca. Ele desviou os olhos do fatídico aviso do homem que dormia e engoliu com dificuldade o último pedaço de sua casquinha de passas. Durou uma eternidade até o pedaço chegasse ao estômago, ele desceu rastejando esôfago abaixo com uma lentidão de lesma, às vezes parecendo até mesmo ficar entalado, pressionando e doendo, como se uma unha lhe estivesse perfurando o peito, e Jonathan achava que acabaria sufocando com aquele nojento bocado. Mas depois a coisa continuava a escorregar de novo, um pedacinho e um pedacinho outra vez e, finalmente, chegou embaixo e dissipou-se a dor convulsiva. Jonathan respirou fundo.

Nesse momento, ele queria ir embora. Não queria ficar mais tempo ali, embora o intervalo do almoço fosse acabar somente dentro de meia hora. Jonathan estava farto. Perdera o gosto pelo lugar. Limpou com as costas da mão as poucas migalhas da casquinha de passas, que, apesar de todo o cuidado, lhe haviam caído no colo da calça de serviço, refez o vinco engomado, levantou-se e foi embora, sem ao menos lançar outro olhar para o clochard.

Já se encontrava de novo na Rue de Sèvres quando lhe ocorreu que havia deixado o saco de leite vazio em cima do banco do parque, coisa que lhe era inaceitável, pois Jonathan odiava quando as outras pessoas deixavam imundícies em cima dos bancos ou, simplesmente, jogavam na rua em vez de atirá-las no lugar que competia ao lixo, ou seja, nos cestos de lixo que havia por toda parte Ele próprio jamais jogara imundícies pela rua ou deixara em cima de um banco de parque, jamais, nem mesmo por negligência ou distração, esse tipo de coisa simplesmente não lhe acontecia... e por isso mesmo tampouco queria que tal coisa lhe acontecesse hoje, justamente hoje não, nesse dia precário em que tantas desgraças já haviam ocorrido. Afinal de contas ele já se encontrava mesmo no caminho errado, já estava se comportando mesmo como um louco, como um sujeito irresponsável, quase que como um marginal-não vira a tempo a limusine de monsieur Roedel!

Almoçara um sorvete de passas no parque! Se não tomasse cuidado agora, precisamente nas coisas pequenas, se não se opusesse da maneira mais enérgica às desatenções aparentemente secundárias como o esquecimento daquele saco de leite, então em pouco tempo perderia toda a consistência, e nada mais poderia deter seu final na miséria.

Portanto, deu meia-volta e retornou ao parque. Já de longe Jonathan viu que o banco onde se sentara ainda estava desocupado e, ao aproximar-se, reconheceu, para seu alívio, o papelão branco do saco de leite por entre as ripas pintadas de verde-escuro do espaldar. Era evidente que, por enquanto, ninguém se dera conta de sua negligência, ainda poderia eliminar o erro imperdoável. Aproximando-se por detrás do banco, Jonathan abaixou-se bem sobre o encosto, agarrou o saco de leite com a mão esquerda, aprumou-se de novo, realizando uma resoluta rotação do corpo para a direita, mais ou menos na direção onde sabia encontrar-se a cesta de lixo mais próxima e então sentiu um repentino puxão violento em sua calça, dirigido para baixo numa linha oblíqua, puxão ao qual não pôde mais ceder, posto que ocorreu de modo súbito demais, quando Jonathan se encontrava justamente na metade daquele movimento de efeito contrário e de rotação para cima. Houve ao mesmo tempo um odioso ruído, um craque alto, e ele sentiu uma lufada de vento acariciar-lhe a pele da coxa esquerda, que traía a infiltração desimpedida do ar exterior. Por um momento ficou tão horrorizado que não se atreveu a olhar. E também o craque ainda parecia estar ressoando em seu ouvido - de uma intensidade tão enorme, como se não apenas alguma coisa se tivesse rasgado em sua calça, mas como se o rasgão o estivesse atravessando, percorrendo o banco, percorrendo todo o parque, qual fenda aberta por um

terremoto, e como se todas as pessoas por perto tivessem ouvido aquele terrível craque e, indignadas, o encarassem, a ele, Jonathan, como o autor do ruído.

Mas ninguém estava olhando. As velhas continuavam tricotando, os velhos continuavam lendo seus jornais, as poucas crianças que se encontravam no pequeno espaço de brinquedos continuavam descendo no escorrega, e o crochard dormia. Jonathan baixou o olhar num movimento lento.

O rasgão tinha cerca de doze centímetros de comprimento. Corria coxa abaixo, desde a parte inferior do bolso esquerdo da calça, que ficara preso em um parafuso saliente do banco naquele movimento giratório, não numa linha regular ao longo da costura, mas entrando bem no meio do belo tecido de gabardine da calça de serviço e depois, mais uma vez, voltando para o ângulo direito a dois polegares de distância do vinco engomado, de tal modo que no tecido surgiu não apenas uma discreta fenda, mas um buraco imenso, sobre o qual tremulava uma bandeirinha triangular.

Jonathan sentiu a adrenalina penetrar-lhe no sangue, essa substância estimulante que, lera um dia, as supra-renais produziam em momentos de maior perigo físico e aflição emocional, a fim de mobilizar as últimas reservas do corpo para a fuga ou para uma luta de vida ou morte. Na verdade, sentiu-se como que ferido. Sentiu como se não apenas sua calça estivesse rasgada, mas também como se houvesse na própria carne um ferimento de doze centímetros de comprimento, do qual jorrasse seu sangue, sua vida, que se movia em uma circulação interna fechada, e sentiu como se fosse morrer daquela ferida, caso não conseguisse fechá-la logo. Mas lá estava também essa adrenalina que o animava de uma maneira estranha, a ele, que acreditava estar-se esvaindo em sangue. Seu coração batia forte, sua coragem era imensa, e, de repente, seus pensamentos estavam bem claros e dirigidos a um objetivo: “Você precisa fazer alguma coisa agora mesmo”, foi o grito dentro dele, “você precisa fazer alguma coisa neste exato momento, para fechar esse buraco, caso contrário estará perdido!” E assim que se perguntou o que poderia fazer ficou logo sabendo a resposta - com a mesma rapidez com que a adrenalina atua, age também o medo sobre a inteligência e a energia. Resoluto, Jonathan agarrou com a mão direita o saco de leite, que ele ainda segurava com a esquerda, amassou-o, jogou-o fora em alguma parte, em cima da grama, no caminho de areia, não prestou atenção.

Pressionou a mão esquerda livre sobre o buraco da coxa e, em seguida, foi embora dali, mantendo a perna esquerda o mais rígida possível, para que a mão

não escorregasse, o braço direito dando frenéticas remadas, num caminhar impetuoso e bamboleante, como é típico dos coxos, saiu correndo do parque e subiu a Rue de Sèvres, restava-lhe apenas pouco menos de meia hora.

Havia uma costureira na seção de comestíveis do Bon Marché, na esquina da Rue du Bac. Ele a vira somente alguns dias antes. Ela ficava sentada bem na frente, próximo à entrada, ali onde ficavam estacionados os carrinhos de compras. Havia um cartaz pendurado em sua máquina de costura onde se podia ler, Jonathan lembrava-se muito bem: Jeannine Topell -

transformações e consertos-esmerados e rápidos. Essa mulher o ajudaria.

Tinha de ajudá-lo - caso ela própria não estivesse na hora do almoço nesse momento. Mas não estaria na hora do almoço não, não, seria azar demais.

Tanto azar assim ele não podia ter em um único dia. Não agora. Não quando a necessidade era tão grande assim. Quando a necessidade era a mais premente, as pessoas tinham sorte, encontravam ajuda. Madame Topell estaria em seu lugar e o ajudaria.

Madame Topell encontrava-se em seu lugar. Já da entrada do departamento de comestíveis ele a viu sentada diante de sua máquina, costurando. Sim, podia-se ter confiança em madame Topell, ela trabalha inclusive durante a hora do almoço, esmerada e rápida. Jonathan correu em sua direção, postou-se ao lado da máquina de costura, tirou a mão de cima da coxa, lançou um rápido olhar ao relógio de pulso, eram duas horas e cinco minutos, e pigarreou:

-Madame! - começou ele.

Madame Topell concluiu a costura de prega de uma saia vermelha, na qual estava trabalhando, desligou a máquina e afrouxou a pequena base da agulha, para liberar o tecido e cortar as linhas. Em seguida, levantou a cabeça e encarou Jonathan. Ela usava óculos bem grossos, com armação de nácar espessa e lentes de curvas acentuadas, que deixavam seus olhos gigantescos e lhe transformavam as órbitas em lagos profundos e sombrios. Seu cabelo era castanho e caía liso sobre os ombros, e os lábios estavam pintados de violeta cintilante. Ela podia

andar talvez no fim dos quarenta, talvez na metade dos cinqüenta, tinha os modos dessas senhoras que podem decifrar o futuro através das bolas de cristal ou das cartas, os modos dessas damas que desceram tão baixo a ponto de a designação “dama” não mais Poder adequar-se direito e com as quais, não obstante, se adquire logo confiança. E também seus dedos-ela empurrou os óculos um pouco para cima do nariz com os dedos, para poder melhor abranger Jonathan com os olhos, também seus dedos, curtos, dedos de salsicha e, mesmo assim-apesar dos muitos trabalhos manuais-, dedos cuidados, com unhas pintadas de violeta cintilante, eram de uma meia elegância que infundiam confiança.

-O que deseja? - disse madame Topell com voz levemente áspera.

Jonathan virou-se de lado para ela, apontou o buraco da calça e perguntou:

-A senhora pode consertar isso? - e como a pergunta pareceu-lhe externada de maneira muito brusca, podendo trair seu estado de agitação causado pela adrenalina, Jonathan acrescentou, amenizando, no tom mais casual possível: - Trata-se de um buraco, um pequeno rasgão... um estúpido infortúnio, madame. Será que se pode fazer alguma coisa?

Madame Topell fez com que seus olhos gigantescos descessem por Jonathan, encontrou o buraco na coxa e inclinou-se para a frente a fim de examiná-lo. Com isto dividiu-se a lisa superfície de seu cabelo castanho das omoplatas ao occipício, desnudando uma nuca curta, branca, estofada de gordura; e, ao mesmo tempo, ergueu-se dela um aroma tão denso e empoado e embriagador que Jonathan, sem querer, foi obrigado a jogar a cabeça para trás e a desviar o olhar da proximidade da nuca para a distancia do supermercado; e, durante um momento, viu a totalidade do ambiente à sua frente, com todas as prateleiras e frigoríficos e bancadas de queijos e lingüiças e mesinhas de ofertas e pirâmides de garrafas e montanhas de legumes e os fregueses que perambulavam pelo meio, empurrando carros de compras e puxando crianças pequenas atrás de si, com os empregados, os estoquistas, as moças das caixas - uma confusa multidão barulhenta, em cuja borda encontrava-se ele, Jonathan, abandonado a todos os olhares, com sua calça esfarrapada... E por seu cérebro palpitou o pensamento de que talvez monsieur Vilman, madame Roques ou até mesmo monsieur Roedel pudessem encontrar-se ali na multidão e o estivessem observando, a ele, Jonathan, que estava sendo examinado em público num precário lugar de seu corpo por uma dama um tanto ou quanto decaída, de cabelos castanhos. E

chegou a sentir-se até mesmo um pouco abafado, sobretudo porque, nesse momento, sentiu, Deus sabe, um dedo de lingüiça de madame Topell tocar-lhe a pele da coxa, abrindo e fechando a bandeirinha rasgada no tecido...

Mas então madame tornou a emergir da profundeza da coxa, recostou-se na cadeira, e foi interrompido o fluxo direto de seu perfume, de tal modo que Jonathan pôde abaixar a cabeça e retirar o olhar da desconcertante largura do espaço e dirigi-lo às proximidades, que inspiravam confiança, das enormes e abauladas lentes dos óculos de madame Topell.

-E então? - perguntou ele e, depois, mais uma vez: -E então? - em uma espécie de impaciência receosa, como se estivesse na qualidade de paciente diante de uma médica e temesse um diagnóstico fulminante.

-Nenhum problema - disse madame Topell. - Só vou precisar pôr alguma coisa por baixo. E ficará aparecendo uma pequena costura. Não dá para ser de outra maneira.

-Mas isso não importa nem um pouco - disse Jonathan -, uma pequena Costura não importa nem um pouco; afinal, quem é que olha para esse lugar afastado? - e lançou um olhar para o relógio, eram duas horas e catorze minutos. -Quer dizer então que a senhora pode endireitar? Pode ajudar-me, madame?

-Sim, naturalmente - disse madame Topell, empurrando de novo para cima do nariz os óculos, que haviam deslizado um pouco para baixo durante o exame do buraco.

-Oh, eu lhe agradeço, madame - disse Jonathan -, fico-lhe muito grato.

A senhora me livra de grandes apuros. Agora só tenho mais um pedido a lhe fazer: a senhora poderia.., a senhora seria tão amável.., quer dizer, estou apressado, ainda me restam apenas...- e tornou a olhar para o relógio - ...tenho apenas mais dez minutos.., a senhora poderia fazer imediatamente? Quer dizer: agora mesmo? Ato contínuo?

Existem perguntas que se negam a si próprias, simplesmente porque são feitas. E existem pedidos cuja completa inutilidade se torna evidente quando externados por alguém que, ao fazê-lo, olha nos olhos de uma outra pessoa. Jonathan olhou nos gigantescos olhos sombreados de madame Topeil e, logo a seguir, soube que era tudo inútil, tudo sem sentido, desesperado. Já soubera disso antes, quando

ainda estava fazendo a embaraçosa pergunta, soubera, sentira de um modo francamente físico com a descida da superfície da adrenalina em seu sangue, no momento em que dera a olhada no relógio: dez minutos! Sentiu como se ele mesmo estivesse afundando, como alguém que se encontra em cima de um pedaço de gelo rachado que está prestes a dissolver-se na água. Dez minutos! Como alguém poderia estar em condições de tapar esse terrível buraco em dez minutos? Claro que isso jamais daria. Não poderia dar mesmo. Afinal de contas, ela não poderia remendar o buraco na coxa. Ela precisaria pôr alguma coisa por baixo, e isso significava: tirar as calças. Mas onde pegar uma outra calça enquanto isso, no meio do departamento de comestíveis do Bon Marché? Tirar as próprias calças e ficar ali de cuecas...? Não fazia sentido. Totalmente sem sentido.

-Agora? - perguntou madame Topell, e Jonathan assentiu, embora soubesse que era tudo sem sentido e apesar de ter sido possuído por um derrotismo abismal.

Madame Topeil sorriu.

-Veja, monsieur: tudo isto que o senhor vê aqui - e apontou para uma bancada de roupas de dois metros de comprimento, totalmente apinhada de vestidos, paletós, calças, blusas - Preciso fazer tudo isto agora mesmo.

Trabalho dez horas por dia.

-Sim, claro - disse Jonathan -, compreendo muito bem, madame, foi apenas uma pergunta estúpida. Quanto tempo a senhora acha que vai demorar até remendar meu buraco?

Madame Topell tornou a virar-se para a sua máquina, ajeitou o tecido da saia vermelha e arriou a base da agulha.

-Se o senhor me trouxer a calça na segunda-feira que vem, ela ficará pronta em três semanas.

-Em três semanas? -repetiu Jonathan como que anestesiado.

-Sim - disse madame Topell -, em três semanas. Não dá para ser mais rápido.

E, em seguida, ligou a máquina, e a agulha pôs-se a ronronar, e no mesmo instante Jonathan sentiu-se como se já não existisse mais.

É bem verdade que ainda estava vendo madame Topell sentada à mesinha da máquina de costura, a uma distância menor do que o comprimento de um braço, via a cabeça castanha com os óculos nacarados, via os dedos grossos de manejo rápido e a agulha que corria, picando uma costura na bainha da saia vermelha... e ainda via também a agitação do supermercado, confundindo-se em segundo plano... mas, de repente, já não se via mais a si próprio, isto é, já não se via mais como uma parte do mundo que o cercava, mas, durante alguns segundos, sentiu-se como se estivesse bem longe e fora deste mundo e o contemplasse como que através de um binóculo ao contrário.

E, de novo, como já acontecera pela manhã, sentiu-se tonto e cambaleou. Deu um passo para o lado, virou-se e andou em direção à saída. Tornou a encontrar o mundo através do movimento do andar, o efeito do binóculo desapareceu diante de seus olhos. Mas em seu íntimo, continuou cambaleando. Comprou na seção de papelaria um rolo de fita durex. Cobriu com ela o rasgão da calça, para que a bandeirinha triangular não pudesse mais abrir-se a cada passo dado. Em seguida, retornou ao trabalho.

Passou a tarde com um estado de espírito de lamentação e raiva.

Ficou parado diante do banco, no degrau superior, bem perto da coluna, mas não se recostou, pois não queria ceder à sua fraqueza. E tampouco poderia, pois para recostar-se de um modo discreto teria sido necessário que as mãos se cruzassem às costas, coisa que não era possível, já que a esquerda tinha de ficar pendurada a fim de ocultar o lugar do adesivo na coxa. Em vez disso, para ficar numa posição segura, foi forçado a expor as pernas na odiada postura escarranchada, assim como os jovens guardas estúpidos faziam, e notou que a espinha arqueava com isso e que o pescoço em geral livre e ereto afundava entre os ombros e, com ele, a cabeça e a boina, fazendo surgir, por sua vez, de um modo totalmente automático, aquele olhar malvado de espreita, saído por detrás da aba da boina, e aquela expressão mofada que ele tanto desprezava nos outros guardas de segurança. Jonathan sentiu-se como que aleijado, a caricatura de um guarda de segurança, uma charge de si próprio.

Desprezou-se. Odiou-se nesses momentos. Gostaria de arrancar-se a pele de puro ódio-próprio furioso, gostaria de arrancar-se a pele literalmente, pois agora esta

apresentava cócegas por todo o corpo e ele já não podia mais esfregar-se na própria roupa, pois a pele transpirava através de cada poro e a roupa se havia grudado nela como se fosse uma segunda pele. E nos lugares onde não estava grudada, onde ainda soprava um pouquinho de ar entre pele e roupa: nas pernas, nos antebraços, no rego acima do esterno... justamente neste rego, onde as cócegas eram de fato insuportáveis, pois o suor pingava em gotas opulentas e formigantes - ele não queria coçar-se justamente ali, não, não queria obter esse pequeno alívio possível, pois isso não mudaria o estado de sua imensa miséria geral, só a salientaria de um modo mais nítido e ridículo.

Agora ele queria sofrer. Quanto mais sofresse melhor. Para ele, o sofrimento era a coisa certa e exata, justificava e atiçava seu ódio e sua raiva, e a raiva e o ódio tornavam a atiçar, por sua vez, o sofrimento, pois levavam seu sangue a uma fervura cada vez mais intensa, pressionando ondas de suor cada vez mais para fora dos poros de sua pele. O rosto pingava suor, a água gotejava do queixo e dos cabelos da nuca, e a aba da boina cortava a testa inchada. Mas ele não tiraria a boina por nada do mundo, nem mesmo por um breve momento. Ela devia ficar em sua cabeça bem atarraxada, como a tampa de uma panela de pressão, devia abranger as têmporas qual um anel de ferro, mesmo que com isso a cabeça rebentasse. Não queria fazer coisa alguma para suavizar sua miséria. Ficou parado ali, totalmente imóvel, durante horas. Notou apenas que sua espinha ficava cada vez mais encurvada, que ombros, pescoço e cabeça sucumbiam cada vez mais, que seu corpo assumia uma postura cada vez mais constrangida de cachorro.

E, finalmente - ele não pôde nem quis fazer nada contra -, transbordou seu ódio próprio congestionado, emanando de dentro dele, vazando para os olhos que fitavam fixo para a frente, cada vez mais sombrios e furibundos sob a aba da boina, e derramando-se como um ódio bem comum sobre o mundo exterior. Tudo que caía em seu campo de visão Jonathan cobria com a pátina monstruosa de seu ódio; sim, pode-se dizer que uma verdadeira imagem do mundo já não mais lhe chegava através dos olhos, mas os olhos apenas serviam de porta para fora, como se o trajeto dos raios se tivesse invertido, para vomitar as caricaturas internas sobre o mundo: os garçons lá embaixo, do outro lado da rua, na calçada diante do café, os jovens e estúpidos garçons que não serviam para nada, que ficavam ali vagabundeando entre as mesas e cadeiras, malcriados, que batiam papo uns com os outros e arreganhavam sorrisos e que davam risadas maliciosas e que importunavam os transeuntes e que assoviavam para as moças que passavam, os garanhões, e que nada faziam a não ser, de vez em quando, através

da porta aberta, transmitir aos berros para o balcão um pedido feito aos gritos: “Um café! Uma cerveja! Uma limonada!”, para depois, finalmente, entrarem bem à vontade e, com pressa encenada, saírem equilibrando o pedido e servirem-no com movimentos de garçom, afetados e pseudo-artísticos: a xícara girada sobre a mesa em um arranco espiralado, a garrafa de Coca-Cola presa entre as coxas e aberta com um trejeito, a nota da caixa mantida entre os lábios é cuspida primeiro na mão e depois empurrada para debaixo do cinzeiro, enquanto a outra mão já estava cobrando na mesa ao lado, embolsando grandes quantias de dinheiro, preços astronômicos: cinco francos por um expresso, onze francos por uma cerveja pequena e, ainda por cima, mais quinze por cento de acréscimo pelo serviço simiesco mais a gorjeta; sim, isto eles também esperavam, os Senhores Nada Fazem, os malcriados, uma gorjeta!-caso contrário, nem ao menos um

“obrigado” lhes passava pelos lábios, isso sem falar cm um “até a vista”; sem gorjeta extra, a clientela passava a ser apenas ar para eles e, ao sair do local, via apenas arrogantes costas e arrogantes bundas de garçons, sobre as quais estavam as abarrotadas carteiras negras no cós das calças, já que eles, os estúpidos patetas, achavam chique e descuidado colocar as carteiras à mostra, por jactância, qual traseiros gordos - ah, ele seria capaz de apunhalá-los com seu olhar, aqueles patifes esnobes com camisas arejadas, frescas, de mangas curtas! Ele gostaria de poder correr até o outro lado, puxá-los pelas orelhas debaixo de seu baldaquim ensombreado e esbofeteá-los em plena rua, à esquerda, à direita, à esquerda, à direita, splish, splash, um tabefe dado atrás da orelha e um pontapé nos traseiros...

Mas não apenas neles! Não, não apenas aqueles garçons de orelhas melequentas, a clientela também merecia um pontapé no traseiro, aquele estúpido bando de turistas que vagabundeava por lá, vestido com blusas de verão, chapéus de palha e óculos de sol, encharcando-se de bebidas refrescantes supertaxadas, enquanto outras pessoas trabalhavam de pé, suando diante deles. E também os motoristas de carro. Lá! Esses estúpidos macacos em suas fedorentas caixas de lata, os poluidores do ar, os nojentos fazedores de barulho, que durante todo o lindo dia nada melhor têm a fazer a não ser subir e descer a Rue de Sèvres em disparada. Será que já não está fedendo o bastante? Já não reina barulho suficiente nesta rua, na cidade inteira? Não basta o intenso calor que desce do céu? Vocês ainda precisam sugar com seus motores o último resto de ar respirável, para queimá-lo e soprá-lo, mesclado com veneno e ferrugem e fumaça quente, no nariz dos cidadãos decentes? Seus sacos de merda! Seus sujeitos criminosos! Vocês deviam ser eliminados. Isso mesmo! Chicoteados e liquidados. Fuzilados. Cada

um e todos juntos. Oh! Ele estava com uma enorme vontade de sacar a pistola e atirar em qualquer lugar, no meio da cafeteria, pelo meio das vidraças, de modo que apenas tilintasse e matraqueasse, bem no meio do ajuntamento de carros ou, simplesmente, no meio de um dos gigantescos prédios defronte, os prédios odiosos, altos, ameaçadores, ou para o ar, para cima, para o céu, sim, para o céu quente, para o céu terrível, pesado, úmido, cinza-pomba, para que ele se rompesse, para que a pesada cápsula de chumbo se despedaçasse e desabasse com o tiro e despencasse e esmagasse tudo e enterrasse debaixo de si tudo, tudo, todo o mundo monstruoso, importuno, barulhento, fedorento: o ódio de Jonathan Noel era tão universal, tão tirânico nessa tarde que, por causa de um buraco em sua calça, ele estava com vontade de deixar o mundo em escombros e cinzas!

Mas não fez nada, graças a Deus não fez nada. Não atirou para o céu nem na direção do café em frente nem nos carros que passavam. Ficou parado, suando e sem se mexer. Pois a mesma força que fez brotar nele aquele ódio fantástico e que, através de seus olhares, era lançado contra o mundo paralisou-o de maneira tão completa que ele não conseguiu mais mover nenhum membro, isso sem falar em levar a mão à arma ou arquear o dedo no gatilho, sim, de tal modo que nem sequer era capaz de balançar a cabeça e sacudir uma pequena e torturante gota de suor da ponta do nariz. A força petrificou-o. Durante aquelas horas, transformou-o de fato na forma ameaçadora e inerte de uma esfinge. Ela possuía algo da tensão elétrica que imanta uma substância de ferro e a mantém suspensa, ou da poderosa força de pressão da abóbada de uma construção, que fixa cada pedra isolada em um lugar bem determinado. Era subjuntiva. Todo o seu potencial repousava em “eu iria, eu poderia, eu preferia fazer”, e Jonathan, que formulava em espírito as terríveis e subjuntivas ameaças e imprecações, sabia muito bem, já no mesmo momento, que jamais iria concretizá-las. Não era homem para isso. Não era uma pessoa possuída por Amok, que fosse cometer um crime por falha emocional, por distúrbio espiritual ou por ódio espontâneo; e, na verdade, não porque tal crime lhe parecesse condenável do ponto de vista moral, mas sim, simplesmente, porque ele era de todo incapaz de externar-se através de fatos ou palavras. Não era um autor. Era um mártir.

Por volta das cinco da tarde, encontrava-se em um estado tão desolador que acreditou nunca mais poder sair daquele lugar diante da coluna, no terceiro degrau da entrada do banco, e que deveria morrer ali. Sentia-se envelhecido em, pelo menos, vinte anos, e vinte centímetros menor e derretido e triturado pelo embate de horas com o calor externo do sol e pelo calor interno do ódio, sim, estava mais para o triturado, pois já não sentia mais a umidade do suor, estava

triturado e estragado, em brasas e quebrado como uma esfinge de pedra após cinco mil anos; e não demoraria muito tempo mais para que ele ressecasse por completo, se consumisse pelo fogo e atrofiasse, se esmigalhasse e se desintegrasse cru pó ou em cinzas e ficasse ali, naquele lugar, onde agora ainda se mantinha sobre as pernas com muito esforço, como um minúsculo montinho de sujeira, até que, finalmente, um vento o soprasse dali ou a faxineira o varresse ou a chuva o lavasse. Sim, era assim que iria terminar: não como um velho senhor respeitável, que consumisse sua aposentadoria em casa, em uma cama própria, entre quatro paredes próprias, mas ali, diante dos portões do banco, como um minúsculo montículo de sujeira!

E desejou que as coisas já tivessem chegado a esse ponto, que o processo de decadência se acelerasse e chegasse ao fim. Desejou perder a consciência, desejou que seus joelhos se dobrassem e ele pudesse sucumbir. Esforçou-se com toda energia para perder a consciência e sucumbir. Quando criança, teria sido capaz de algo assim. Conseguia chorar sempre que queria; conseguia prender a respiração até ficar inconsciente ou fazer com que o coração falhasse num batimento. Agora já não conseguia fazer coisa alguma. Não sabia mais dominar-se. Não era capaz literalmente de dobrar os joelhos para sucumbir. Era capaz apenas de ficar ali, suportando o que lhe sucedesse.

Então, ouviu o leve zumbido da limusine de monsieur Roedel.

Nenhuma buzinada, mas, sim apenas aquele leve zumbido gorjeador, que surgia quando o carro se movia com o motor recém-ligado, do pátio de trás para o portão de entrada. E, no momento em que este leve ruído penetrou em seu ouvido, entrou em sua orelha e zumbiu em todos os nervos de seu corpo como um choque elétrico, Jonathan sentiu as articulações estalarem e a espinha dorsal alongar-se. E sentiu que a perna direita parada se estendeu e virou para a esquerda, sem sua interferência, que o pé esquerdo girou no salto, o joelho direito se dobrou para o passo e, depois, o esquerdo e o direito de novo, e que ele pôs pé na frente de pé e sentiu que caminhava de verdade, sim, andava, descia os três degraus, apressava-se com passos elásticos ao longo do muro, em direção à entrada, abria o portão de grade, ficava em posição de sentido, levava a mão direita à aba da boina numa continência e deixava a limusine passar. Fez tudo isso de modo bem automático, sem vontade própria, e sua consciência apenas tomou parte, registrando e anotando todos os movimentos e ocupações. A única contribuição original que Jonathan deu ao acontecimento foi seguir com um olhar furibundo e uma série de imprecações mudas a limusine de monsieur

Roedel que passou deslizando.

Em seguida, contudo, quando retornou ao seu posto, debelou-se também o fogo de fúria dentro dele, esse último impulso próprio. E, enquanto galgava os três degraus com passos mecânicos, esgotou-se o último resto de ódio e, ao chegar em cima, seus olhos já não emanavam mais qualquer raiva nem veneno, e ele olhou rua acima com uma espécie de olhada doentia. Para ele, era como se aqueles olhos já não fossem mais seus, mas como se ele próprio se encontrasse atrás de seus olhos e olhasse através deles como se fosse através de janelas redondas e mortas; sim, era, para ele, como se todo aquele corpo à sua volta já não fosse mais o seu, como se ele, Jonathan - ou o que dele restava -, fosse apenas um minúsculo gnomo enrugado no gigantesco prédio de um corpo estranho, uru anão desamparado, preso no interior de uma máquina humana grande demais, complicada demais, que ele não podia mais dominar nem conduzir por vontade própria, conduzida por si mesma, se é que era mesmo conduzida, ou por alguma outra força qualquer. No momento, ele estava parado quieto diante da coluna-não mais descansando em si mesmo como uma esfinge, mas desligado ou desengonçado como uma marionete-e ficou lá ainda nos últimos dez minutos de seu horário de serviço, até que monsieur Vilman apareceu por um momento junto às porias de vidro blindado externas, às cinco e meia em ponto, e gritou:

-Vamos dormir!

Então, a máquina-marionete Jonathan Noel pôs-se valentemente em movimento e entrou no banco, colocou-se na cabine de manejo do equipamento de tranca elétrica da porta, ligou-o, e pressionou, em movimentos alternados, os dois botões das portas de vidro blindado externas e internas, para liberar os funcionários; em seguida, bloqueou junto com madame Roques a porta de incêndio da sala do cofre, fechado antes por madame Roques junto com monsieur Vilman, pôs em funcionamento a instalação de alarme junto com monsieur Vilman, tornou a desligar a tranca elétrica da porta, saiu do banco junto com madame Roques e monsieur Vilman e, após as portas de vidro blindado terem sido aferrolhadas por monsieir Vilman, que trancou a interna, e madame Roques, a externa, bloqueou a grade pantográfica de acordo com o regulamento. Em seguida fez uma leve reverência de polichinelo para madame Roques e monsieur Vilman, abriu a boca e desejou a ambos uma boa noite e um lindo fim de semana, recebeu e agradeceu por sua parte os melhores votos para o fim de semana de monsieur Vilman e um “até segunda-feira!” de madame

Roques, esperou, como convinha, até que os dois se tivessem distanciado alguns passos e, então, enfileirou-se no turbilhão de transeuntes, para se deixar arrastar na direção contrária.

Andar acalma. O caminhar contém uma força curadora. A colocação regular de pé diante de pé, junto com o concomitante e rítmico remar dos braços, o aumento da freqüência respiratória, a leve estimulação do pulso, as atividades dos olhos e ouvidos, necessárias à determinação da direção e para a manutenção do equilíbrio, a sensação na pele causada pela passagem do vento - tudo isso são acontecimentos que congregam corpo e espírito de uma maneira indefensável e fazem a alma crescer e alargar-se, mesmo quando ela ainda está tão atrofiada e ferida.

Assim aconteceu também com o duplo Jonathan, com o gnomo enfiado dentro do corpo de boneca grande demais. Pouco a pouco, passo após passo, ele consolidou-se de novo em seu corpo, encheu-o de dentro para fora, dominou-o a olhos vistos, e enfim, uniu-se a ele. Isso foi mais ou menos na esquina da Rue du Bac. E atravessou a Rue du Bac (a marionete Jonathan teria virado ali à direita, de modo automático, com certeza, para chegar à Rue de la Planche pelo caminho habitual), deixando à esquerda a Rue Saint Placide, onde ficava o seu hotel, seguindo em frente até a Rue de l’Abbé Grégoire e subindo-a até a Rue de Vaugirard e dali até o Jardin du Luxembourg. Entrou no parque e deu três voltas no caminho mais largo e exterior, ali, onde correm os praticantes do cooper, sob as árvores ao longo da grade; em seguida, virou para o sul, subiu até o Boulevard du Montparnasse, avançou até o cemitério de Montparnasse e deu uma, duas voltas no cemitério, e continuou para o oeste, entrando no XV arrondissement, atravessou todo o décimo quinto até o Sena e, subindo o Sena para nordeste, entrou no sétimo e avançou no sexto e cada vez mais adiante - afinal, uma tarde de verão como aquela não chegava ao fim - e, de novo, até o Luxembourg e, quando lá chegou, o parque acabara de ser fechado. Ficou parado diante do enorme portão de grade, à esquerda do prédio do Senado. Devia ser por volta das nove horas, mas ainda era pleno dia. Pressentia-se a noite iminente apenas em uma delicada alteração da luz dourada e nos debruns violetas das sombras. O

tráfego de carros da Rue de Vaugirard tornara-se mais fraco, quase esporádico. Dispersara-se a massa de homens. Os poucos grupinhos nas saídas do parque e nas esquinas das ruas dissolviam-se rápido e desapareciam enquanto indivíduos

isolados nas muitas vielas em volta do Odéon e em torno da igreja de Saint Sulpice. Ia-se para o aperitivo, ia-se para o restaurante, ia-se para casa. O ar estava suave e cheirava um pouco a flores.

Ficara tranqüilo. Paris comia.

De repente, notou que estava cansado. Doíam as pernas, as costas e os ombros pelas horas de caminhada, os pés ardiam nos sapatos. E, de repente, ficou tão faminto que o estômago teve convulsões. Estava com apetite para uma sopa, uma salada com pão branco fresco e um pedaço de carne.

Conhecia um restaurante situado bem nas proximidades, na Rue de Canettes, onde havia tudo isso por quarenta e sete francos e quinze, incluindo o serviço.

Mas claro que ele não podia ir lá no estado em que se encontrava, suado e fedorento como estava, e com as calças rasgadas.

Abalou-se em direção ao hotel. No caminho para lá, na Rue d'Assas, havia uma loja de secos e molhados tunesina. Ainda estava aberta. Comprou uma lata de sardinhas, um pequeno queijo de cabra, uma pêra, uma garrafa de vinho tinto e um pão árabe.

O quarto do hotel era ainda menor do que o da Rue de la Planche, em um lado pouco mais largo do que a porta por onde se entrava e com um comprimento de, no máximo, três metros. Sem dúvida as paredes não formavam ângulos retos, mas - vistas da porta - separavam-se em uma linha oblíqua, até alargarem o espaço em uma amplitude de cerca de dois metros, para de novo gravitarem uma em direção à outra, reunindo-se no lado frontal na forma de uma abside triangular. O quarto tinha também a planta de um ataúde, e não era mais espaçoso do que um caixão. A cama situava-se em um lado longitudinal; no outro lado longitudinal estava instalada a pia, mais abaixo um bidê que girava para fora, e na abside havia uma cadeira. À direita, sobre a pia, pouco abaixo do teto, estava incrustada a janela; era muito mais uma pequena portinhola envidraçada, que dava para uma clarabóia e que podia ser aberta e fechada com dois cordões. Através dessa portinhola entrava no ataúde uma lufada de vento fraca, quente e úmida, trazendo alguns barulhos muito abafados do mundo

exterior: estrépito de pratos, o cicio dos banheiros, pedaços de palavras em espanhol e português, fiapos de risadas, o choramingar de uma criança e, de vez em quando, vindo de bem longe, o som de uma buzina de carro.

Jonathan aboletou-se de camiseta e cueca na beira da cama e comeu.

Como mesa, puxara a cadeira para perto de si, colocara a mala de papelão em cima e abrira sobre esta a bolsa de compras. Cortou transversalmente os pequenos corpos das sardinhas com o canivete, espetou uma metade, deitou-a sobre um pedaço de pão e levou o bocado à boca. Com o mastigar, a macia carne do peixe banhada em óleo misturou-se Com o insípido pão redondo, formando uma massa de delicioso sabor. Talvez faltem algumas gotas de limão, pensou - mas isso já seria quase uma frívola gourmandise, pois quando tomava um pequeno gole de vinho tinto pelo gargalo, após cada mordida, deixando-o correr por sobre a língua e infiltrar-se por entre os dentes, mesclava-se, por seu lado, o ressaibo acerado do peixe com o intenso e azedo perfume do vinho de uma maneira tão convincente que Jonathan teve certeza de nunca haver comido tão bem em sua vida como agora, nesse momento. A lata continha quatro sardinhas, que formaram oito pequenos bocados, lentamente mastigados com o pão, e, como acompanhamento, oito goles de vinho. Comeu bem devagar. Lera uma vez em uma revista que o comer apressado, justamente quando se estava com muita fome, não era bom e podia causar indigestão e até mesmo náuseas e vômitos. E também comeu devagar por acreditar que aquela refeição fosse a sua última.

Depois que comeu as sardinhas e embebeu o pão com o óleo que restou na lata, comeu o queijo de cabra e a pêra. A pêra estava tão suculenta que quase lhe escorregou das mãos ao ser descascada; e o queijo de cabra estava tão denso e consistente que grudava na lâmina da faca e, na boca, teve um sabor tão repentinamente ácido e amargo e seco que a gengiva contraiu-se como que assustada e a saliva secou durante alguns momentos. Mais a seguir a pêra, um pouco mais doce, gotejante pêra, e tudo se desenvolvia de novo e mesclava-se e soltava-se do palato e dos dentes e deslizava língua abaixo... e de novo um pedaço de queijo, um leve susto, e, como complemento, de novo a pêra conciliadora e queijo e pêra - tinha um sabor tão bom que raspou com a faca os últimos restos de queijo em cima do papel e comeu os cantinhos do caroço, que antes cortara da fruta.

Ainda continuou sentado um longo tempo, pensativo, lambendo os dentes com a língua, antes de comer o resto do pão e terminar o do vinho. Em seguida, juntou

a lata vazia, as cascas e o papel do queijo, embrulhou na bolsa de compras junto com as migalhas de pão, depositou o lixo e a garrafa vazia no canto atrás da porta, tirou a mala da cadeira, retornou a cadeira ao seu lugar na abside, lavou as mãos e foi para a cama. Enrolou a coberta de lã aos pés da cama e cobriu-se apenas com o lençol. Em seguida apagou a luz. Ficou escuro como breu. Nem mesmo de cima, onde ficava a clarabóia, penetrava o menor raio de luz no quarto; apenas a fraca e úmida lufada de vento e os barulhos vindos de muito, mas muito longe. Estava bem abafado.

-Amanhã eu me mato - disse ele. Em seguida adormeceu.

À noite houve um temporal. Não foi um desses temporais que se descarregam logo com uma série inteira de relâmpagos e trovoadas, mas daqueles que vêm com calma e conservam suas forças por um longo tempo.

Estendeu-se pelo céu, sem cessar, durante duas horas, coriscando, murmurando baixo, empurrando-se de bairro em bairro, como se não soubesse onde devia acastelar-se, e, assim, dilatou-se, cresceu e cresceu, finalmente cobriu toda a cidade qual uma fina coberta de chumbo e continuou esperando, acumulando-se através de sua hesitação para pressões ainda mais poderosas, ainda sem se soltar... nada se mexia sob aquela coberta. Nem a menor lufada de vento movia-se na atmosfera abafada, nenhuma folha, nenhum cisco se mexia, a cidade estava como que coagulada, tremia de entorpecimento, se é que se pode dizê-lo, tremia na tensão paralisadora, como se ela própria fosse o temporal e estivesse esperando para rebentar contra o céu.

E então, finalmente, já estava perto de amanhecer e havia um pouco de luz crepuscular, houve um estampido, um único, tão violento como se toda a cidade explodisse. Jonathan levantou-se na cama. Não ouvira o estampido com consciência, isso sem falar em reconhecê-lo como uma trovoada; foi pior; no segundo do despertar, o estrondo penetrou-lhe nos membros como puro horror, como horror cujas causas ele não conhecia, como terror mortal. A única coisa que percebeu foi a ressonância do estrondo, um eco múltiplo e o estrondo do trovão. Foi ouvido como se as casas lá fora estivessem desmoronando qual prateleiras de livros, e seu primeiro pensamento foi: agora foi demais, agora chegou o fim. E com isso estava querendo dizer não apenas seu próprio fim, mas também o fim do mundo, o ocaso do mundo, um terremoto, a bomba atômica ou

ambas as coisas... em todo caso, o fim absoluto.

Mas depois veio, de repente, um silêncio sepulcral. Não se ouviu mais nenhum barulho, nenhum derrubar, nenhum estalo, nenhum nada e nenhum eco de nada. E esse repentino e duradouro silêncio foi praticamente muito mais terrível do que o estrondo do naufrágio do mundo. Pois agora pareceu a Jonathan como se, na verdade, ele ainda existisse, porém nada mais além dele, nada em frente, nada acima ou abaixo, nenhum exterior, nenhum outro, no qual ele pudesse orientar-se. Toda percepção, o ver, o ouvir, o sentido do equilíbrio - tudo que lhe pudesse ter dito onde ele se encontrava e quem era ele próprio - caíram no completo vazio das trevas e do silêncio. Jonathan continuava sentindo apenas o próprio coração a galope e o tremor do corpo.

Continuava sabendo apenas que se encontrava em uma cama, mas não em qual e onde estava essa cama - se é que ela estava em algum lugar, se é que não tivesse caído em algum lugar insondável, pois ela parecia oscilar, e ele cravou as unhas de ambas as mãos no colchão, firmando-se, para não perder o equilíbrio, para não ser despojado desse único algo que segurava com as mãos. Procurou com os olhos algum apoio na escuridão; com os ouvidos, apoio no silêncio, não ouviu nada, não viu nada, absolutamente nada, seu estômago deu voltas, subiu nele um gosto horripilante de sardinha, só não se entregue, pensou, só não vomite, só não vá virar-se de dentro para fora agora!... e então, após uma horrível eternidade, viu algo, um minúsculo e fraco brilho lá em cima, à direita, um pouquinho de luz. E fixou os olhos ali e firmou-se ali com os olhos, em uma pequena manchinha quadrada de luz, uma abertura, uma fronteira entre o interior e o exterior, uma espécie de janela em um quarto... mas que quarto? Claro que não era o seu quarto! Nunca na vida que isso é o seu quarto! No seu quarto a janela está situada acima dos pés da cama e não tão alto, junto ao teto. Também não é o quarto da casa do tio, é o quarto de criança da casa dos pais, em Charenton - não, não o quarto de criança, é o porão, sim, o porão, você se encontra no porão da casa de seus pais, você é uma criança, você apenas sonhou que é adulto, um nojento e velho guarda de segurança em Paris, mas você é uma criança e está no porão da casa de seus pais, e lá fora está a guerra e você está preso, enterrado e esquecido. Por que eles não vêm? Por que não me salvam? Por que esse silêncio sepulcral? Onde estão as outras pessoas? Meu Deus, onde é que estão as outras pessoas? Claro que não posso viver sem as outras pessoas!

Estava prestes a gritar. Queria gritar para o silêncio esta frase de que sem os outros homens ele não poderia viver, de tão grande que era a sua aflição, de tão

desesperador que era o medo da criança anciã Jonathan Noel diante do abandono. Mas no momento em que quis gritar, recebeu a resposta.

Ouviu um barulho.

Uma batida. Bem de leve. E bateram de novo. E uma terceira e uma quarta vez, cm algum lugar lá em cima. E então as batidas transformaram-se em um tamborilar delicado e regular, rufando com potência cada vez maior e, no final, não era mais nenhum tamborilar, mas sim um potente e farto rumor, e Jonathan reconheceu-o como o rumor da chuva.

Então, o espaço retornou à sua ordem e, nesse momento, Jonathan reconheceu a clara manchinha quadrada como sendo a portinhola da clarabóia e, à luz crepuscular, reconheceu os contornos do quarto do hotel, a pia, a cadeira, a mala, as paredes.

Soltou as garras de suas mãos do colchão, puxou as pernas para o peito e envolveu-as com os braços. Permaneceu acocorado dessa maneira durante um longo tempo, uma boa meia hora, escutando o rumor da chuva.

Depois levantou-se e vestiu-se. Não precisou acender nenhuma luz, pôde orientar-se na penumbra. Pegou mala, casaco, guarda-chuva, e saiu do quarto. Desceu a escada em silêncio. Lá embaixo, o porteiro da noite estava dormindo na recepção. Jonathan passou por ele na pontinha dos pés e, para não o despertar, pressionou bem de leve o botão que abria a poria. Houve um clique baixo, e a porta abriu-se. Jonathan saiu para o ar livre.

Lá fora, na rua, foi envolvido pela luz matinal, fria, azul-acinzentada.

Não estava chovendo mais. Apenas continuava pingando dos telhados e escorrendo das marquises, e havia poças nas calçadas. Jonathan desceu a Rue de Sèvres. Não se via nenhum ser humano e nenhum carro. Os prédios estavam em silêncio e em ordem, em uma inocência quase enternecedora. Era como se a chuva lhes tivesse lavado o orgulho, o brilho empolado e todo o ar ameaçador. Do outro lado, diante do departamento de comestíveis, um gato deslizou ao longo das vitrines e desapareceu debaixo das bancas levantadas de verduras. À direita, na praça Boucicaut, as árvores estalavam de umidade.

Alguns melros começaram a cantar, o canto repercutiu nas fachadas dos prédios, aumentando ainda mais o silêncio que pairava sobre a cidade.

Jonathan atravessou a Rue de Sèvres e dobrou na Rue du Bac, para ir para casa. A cada passo, suas solas úmidas chapinhavam no asfalto molhado.

É o mesmo que andar descalço, pensou, e com isso quis referir-se mais ao barulho do que à sensação escorregadia da umidade nos sapatos e meias.

Sentiu uma imensa vontade de tirar sapatos e meias e de continuar andando descalço, e se não o fez foi apenas por preguiça, e não por lhe parecer indecoroso. Mas patinhou com aplicação através das poças, patinhou bem no meio, correu em ziguezague de poça em poça, chegou inclusive uma vez a trocar de calçada porque viu do outro lado, na outra calçada, uma poça especial, linda e larga, e atravessou-a batendo os pés, com solas chapadas e atoladas, de modo a esguichar nas vitrines aqui e nos carros estacionados ali e nas pernas da própria calça, foi delicioso, Jonathan desfrutou dessa pequena porcaria infantil como se fosse uma imensa liberdade reconquistada. E ainda estava todo animado e feliz quando chegou à Rue de la Planche, entrou no prédio, passou deslizando pelo cubículo fechado de madame Roccard, atravessou o pátio dos fundos e subiu a estreita escada da entrada de serviço.

Depois, somente quando chegou lá em cima, perto do sexto andar, foi que, de repente, teve medo do fim do caminho: lá em cima estava esperando a pomba, o horrível animal. Ela estaria sentada no final do corredor, com pés vermelhos e ungulados, cercada de excrementos e penugens esvoaçando em volta, e estaria esperando, a pomba, com seus medonhos olhos desnudos; e se alçaria com crepitantes batidas de asas e o roçaria com suas asas, a ele, Jonathan, impossível esquivar-se dela na estreiteza do corredor...

Depositou a mala no chão e ficou parado, embora houvesse apenas mais cinco degraus à sua frente. Não queria dar meia-volta. Queria somente meio minutinho de pausa, descansar um pouco, fazer com que o coração se acalmasse um pouco, antes de percorrer o último trecho do trajeto.

Olhou para trás. Seu olhar seguiu a sinuosidade em espiral ovalada do espaço abaixo, nas profundezas da caixa da escada, e viu os raios da luz que entrava lateralmente em cada andar. A luz matinal perdera seu azul e tornara-se mais amarela e quente. Ouviu os primeiros ruídos saindo das residências dos

proprietários no prédio que despertava: o tilintar de xícaras, a batida abafada da porta de uma geladeira, música baixa de rádio. E então, de repente, um aroma familiar penetrou em seu nariz, o aroma do café de madame Lassalle, e Jonathan inalou algumas lufadas e lhe pareceu que estava tomando o café. Pegou a mala e seguiu adiante. Num dado momento já não sentia mais medo algum.

Quando entrou no corredor, viu duas coisas de imediato, com uma única olhada: a janela fechada e um pano de limpeza, aberto para secar em cima da pia ao lado do banheiro do andar. Ainda não conseguia enxergar até o fim corredor, o claro e ofuscante bloco de luz cortava-lhe a visão. Seguiu adiante intrépido de uma certa maneira, atravessou a luz, chegou até as sombras. O corredor estava totalmente vazio. A pomba desaparecera. As nódoas haviam sido esfregadas. Nenhuma peninha, nenhuma penugenzinha mais tremendo em cima do ladrilho vermelho.

FIM